

198 A

**VIDA**  
**MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II - N.º 58 - 25 DE JUNHO DE 1942 - Preço 1 Esc.

HERMINIA SILVA, a popular artista do teatro, tal como nos aparecerá no novo filme «O Costa do Castelo», uma realização de Artur Duarte para a Tobis Portuguesa.





# Os americanos embarcam aos milhares para a Europa

«AS FORÇAS ARMADAS AMERICANAS deverão operar em qualquer parte do Mundo onde seja aconselhável travar batalha com o inimigo» — declarou o Presidente Roosevelt. Sabe-se efectivamente que tropas dos Estados Unidos têm chegado a todos os continentes para operar contra as forças dos países signatários do Triplice Pacto. A foto mostra-nos um aspecto do embarque de forças expedicionárias norte-americanas para a Europa, onde ultimamente a sua chegada se tem registado em numerosos contingentes.

# SOL

de verão



Agora que oficialmente se iniciou o verão — a estação das praias e dos campos — a Mulher encontra o seu meio próprio de alegria, de vivacidade de transparência. Sol que desafia outro sol para uma batalha de cores. Eva corôa-se de triunfos como uma rainha. E perante os triunfos da mulher — triunfos dum sol que usa saias — os homens curvam-se como vassallos, em plena côrte azul e ouro...

Vida  
**MUNDIAL**  
ilustrada



# OS escritores portugueses na intimidade Dr. Sousa Costa e D. Emilia de Sousa Costa

É NO «CONVENTINHO DE CONTUMIL», lar ideal para um casal de intelectuais, afastado da balburdia da cidade onde já se respira ar de aldeia e a vista se perde nos campos atapezados de verdura. Fica nos arredores do Porto a residência do dr. Sousa Costa e da sr.<sup>a</sup> D. Emilia de Sousa Costa. A portada do «Conventinho» dá para a rua de Contumil e à entrada um curioso azulejo põe, em versos da dona da casa, uma nota de felicidade no ambiente.



A CASA DE JANTAR do «Conventinho», maravilha de bom gosto e repositório de obras de arte.

DAS JANELAS do «Conventinho», avistam-se terras do Minho e apenas se ouve como nota do progresso, o ruído leve do deslizar das cestas do transporte aéreo do carvão de S. Pedro da Cova para o Monte Aventino.



O ESCRITOR entra também todos os dias noutro Convento. Mas este foi dos frades cruzios e é hoje o tribunal da 2.<sup>a</sup> Vara...

O público, estruturalmente bisbilhoteiro, tem sempre viva curiosidade em saber como vivem as pessoas conhecidas. Sobretudo os homens de letras e os artistas de teatro despertam-lhe um interesse constante. Gervásio Lobato costumava dizer, com graça, que a vida doméstica tinha, por vezes, traços mais sugestivos do que a vida pública. De certo modo assim é. E porque o reconhecemos, a «Vida Mundial Ilustrada» satisfaz hoje o interesse e a curiosidade dos seus leitores, pela que diz respeito à sr.ª D. Emilia de Sousa Costa e ao dr. Sousa Costa — dois nomes que não necessitam de apresentação — oferecendo a quantos se debruçarem sobre estas páginas alguns aspectos da existência doméstica dos dois ilustres escritores. Casa de poetas, casa de felicidade — disse um poeta. Na verdade, quem entrar no lar dos dois escritores respira um doce ambiente espiritual de paz e de ternura. Emilia Sousa Costa e Alberto Sousa Costa viveram, durante largo tempo, em Lisboa. Um dia as vicissitudes da existência levaram-nos ao Porto, aí instalaram a sua vida, numa casa que é uma maravilha de singeleza. Chama-se o «Conventinho de Contunil». O nome diz tudo. Afastado da cidade onde se respira já a frescura da aldeia, das janelas a vista perde-se nos campos atapetados de verdura, limitados, ao longe, pela mancha vagamente cinzenta das serras do Minho. Ali, naquelas salas tranquilas, retratos das pessoas ilustres que vivem ali, Emilia Sousa Costa e Alberto Sousa Costa entregam-se à tarefa, ao mesmo tempo árdua e doce, de escrever e de pensar. À volta, aninham-se os netos, flores daquela casa. À entrada do Conventinho há um azeite em que está escrita esta legenda: «Trabalho, Paz e Amor». É um símbolo — e um programa. Vale páginas de comentários. Tudo quanto dissessemos a mais seria supérfluo...



1 — Com que ternura, o «Senhor do Conventinho» trata as flores que semeou e vê florir, 2 — Marido e mulher lêem, em comum, as últimas publicações, as últimas novidades literárias



3 — O LAR, também se quer florido! Há que colher as flores do jardim. 4 — D. Emilia de Sousa Costa que tantas histórias maravilhosas tem escrito para as crianças, reserva sempre uns momentos para ler essas histórias aos seus netinhos.

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XI - Ações sobre o Mediterrâneo

1

### O REVERSO DA MEDALHA

O

termo vitorioso da campanha da Líbia, a primeira no tempo a que pode aplicar-se esta designação, marca o início duma fase nova da guerra no Mediterrâneo e no norte de África. As circunstâncias, verdadeiramente excepcionais, em que pôde operar o general Wavell, o facto de ter sido sensivelmente reduzido o

potencial dos italianos, dadas as baixas sofridas pelo exército do marechal Graziani, levaram as potências do «eixo» a considerar o conjunto da situação sobre as novas realidades criadas pela vitória britânica.

Em Fevereiro de 1941, o Reich reconheceu que era indispensável apertar a sua colaboração militar com a Itália, participando os dois países em conjunto na luta que tomava proporções inesperadas. Era uma fase da guerra em que a produção aeronáutica da Grã-Bretanha ainda não havia atingido as proporções que depois veio a assumir. A aviação continuava a ser uma arma decisiva de cuja acção dependia, em muito, a sorte das batalhas.

Simultaneamente a primeira campanha dos Balcãs, que será tratada noutro passo deste trabalho, tomava uma feição inesperada. Iniciada em Outubro, quando a batalha de Inglaterra tocava o seu termo pelo malogro dos ataques aéreos diurnos em massa sobre as principais cidades britânicas, não se saldara, como seria de esperar, por uma vitória rápida e decisiva das armas italianas na Grécia. Outubro de 1940 tornou-se, assim, um mês crucial na condução da guerra. A decisão estava longe de se conseguir e tudo indicava que as operações se iriam prolongar, exigindo, à medida que o tempo decorria, maiores sacrifícios por parte dos beligerantes.

Em Fevereiro de 1941, reconhecendo a necessidade de intervir activamente nessas operações, a aviação do Reich fez a sua aparição sensacional no Mediterrâneo. A essa aparição seguir-se-iam outros episódios salientes entre os quais avultava a revelação da existência de forças alemãs que, treinadas especialmente para a guerra no deserto, se preparavam para dar as suas provas.

### O «AFRIKA KORPS»

Essas forças haviam sido submetidas, em condições que nunca foram completamente reveladas, a uma preparação intensiva e cuidada. O comando alemão pensava que na África como na Europa a decisão da batalha devia ser arrancada por uma colaboração estreita entre a aviação de bombardeamento e as forças blindadas. É certo que a luta no deserto se revestia de condições particulares. O clima e o terreno exigiam dos combatentes requisitos muito particulares. Mas no deserto, tanto ou mais talvez do que no terreno da



General Blamey

batalha continental europeia, a importância das divisões blindadas ia afirmar-se decisiva. Fora com o auxílio dos carros que havia podido acumular durante Outubro de 1940 que Wavell conseguira um êxito espectacular que em muito contribuiu para encorajar a resistência da sua pátria. Seria utilizando meios idênticos que os seus adversários procurariam anular os resultados por êle conseguidos, obrigando as tropas imperiais a regressar, praticamente, ao ponto de onde haviam partido.

O comando do «Afrika Korps» foi, por isso, confiado a um oficial que se especializara na técnica dos carros e que era geralmente conhecido pela sua audácia ilimitada e pela sua

bravura pessoal que roçava, por vezes, os limites da temeridade. O general Rommel, que era um dos chefes mais novos no exército alemão, pertencia a uma geração de oficiais que assentara na necessidade de dar o exemplo do seu sacrifício constante como condição indispensável para conduzir os soldados à vitória. Esta seria tanto mais facilmente alcançada quanto mais impressionante fosse o espectáculo do sacrifício dos seus chefes.

Durante três meses, entre o fim de Março e o fim de Junho de 1941, Rommel esforçar-se-ia, enquanto as condições de tempo o permitissem, por anular as vantagens que Wavell conseguira. Se tivesse podido realizar êsse objectivo preliminar, era quasi certo que a sua acção se projectaria até à fronteira do Egipto e culminaria numa tentativa de ataque ao canal de Suez, finalidade verdadeira dos esforços desenvolvidos naquelas paragens pelas forças associadas das nações do «eixo».

### A EMPRESA ALEMÃ

Depois da tomada de Benghazi, as guardas avançadas de Wavell haviam inflectido para o sul, atingindo a localidade de El Agheila, limite extremo do seu avanço. Em 26 de Março, as forças blindadas alemãs do «Afrika Korps» que haviam desembarcado em Tripoli semanas antes, na previsão de uma progressão dos ingleses até esta última cidade, travaram o seu primeiro encontro com as tropas imperiais.

O caminho percorrido pelo general Wavell no curto prazo de três meses levou um mês a ser percorrido pelo general Rommel. Mas as circunstâncias em que as corridas dos dois adversários se fizeram, em sentido inverso, eram completamente diferentes. A retirada das tropas de Graziani fizera-se em condições que permitiram aos ingleses falar, com fundamento, duma autêntica vitória militar. É certo que essa vitória não pudera ser explorada entre outras razões porque, como diante se verá, uma parte importante das tropas empenhadas na luta em África fora desviada para o teatro de operações nos Balcãs, onde a sua presença foi considerada indispensável.

Mas no fim de três meses de campanha conduzida pelos ingleses o facto de êles terem podido alcançar Benghazi, no extremo ocidental da Cirenaica, era bem pouco quando se comparava com a inutilização do exército do marechal Graziani que, dado o número das baixas sofridas e dos prisioneiros feitos, ficara em condições de manifesta inferioridade, exigindo, para se recompor, um auxílio eficaz da metrópole. Com o avanço do general Rommel coincidia uma retirada, rápida e cautelosa, das tropas imperiais. Ao fim de um mês, Wavell encontrava-se junto à fronteira do Egipto. Mas o número de prisioneiros que deixara nas mãos do inimigo era insignificante e em muito pequena escala as baixas sofridas. Essa circunstância permitiu-lhe, apesar da escassez de recursos de que dispunha, organizar eficazmente a defesa do Egipto e manter intacto, apesar dos violentos ataques suportados, o bastião de Tobruk. Consequente: manter, com a colaboração activa da esquadra do almirante Cunningham, a posse desta cidade, os ingleses tomaram inúteis todas as tentativas das tropas do «eixo» que prolongaram até Junho.

## UM COMUNICADO OPTIMISTA

Em 3 de Abril, depois de terem abandonado Benghazi, os ingleses publicavam, emanado do seu quartel general do Cairo, um comunicado optimista que dava conta, para o grande público, da nova fase das operações:

«Em face do avanço resolutivo de poderosas forças germano-italianas que dispõem de numerosos «tanks» e prosseguindo na orientação que, com tanto êxito, seguimos em Sidi-Barani, esperando o momento propício e escolhendo o terreno em que deve ser travada a batalha, os nossos destacamentos ligeiros que se encontravam em posições avançadas foram mandados retirar para novas posições previamente escolhidas. No decurso da retirada evacuámos a cidade de Benghazi depois de termos destruído todo o material que ali se encontrava e que não pudemos retirar. Sob o ponto de vista militar, a cidade não pode ser defendida e não havia necessidade, para nós, de utilizar o respectivo porto. Como no outono de 1940, o inimigo procura alcançar uma vitória de propaganda à custa de um avanço perigoso que estenda as suas linhas de comunicação. Durante a retirada as nossas tropas infligiram-lhe pesadas perdas.»

A verdade é que, mais do que um êxito de propaganda, o inimigo procurava alcançar o Canal de Suez. Passados cinco dias sobre a publicação deste comunicado do Cairo, um comunicado de origem italiana anunciava a ocupação de Derna pelas forças do «eixo». Do lado inglês admitiam essa hipótese que correspondia a um facto incontestado. As forças germano-italianas não se haviam limitado a ocupar Derna. O seu novo comandante em chefe, pusera à prova a sua competência especial na manobra de carros e o Mekili derrotara as forças blindadas britânicas que se propunham impedir a sua marcha para leste, aprisionando dois mil soldados e três generais. Tratava-se dos tenentes-generais Neame e O'Connor e do major-general Gambier Tarry. Este episódio, apesar da sua importância relativa, sobretudo quando se cotejava com as perdas sofridas pelo inimigo durante o avanço de Wavell, emocionou profundamente os meios dirigentes em Londres, dando lugar a novos discursos sobre a sua verdadeira origem e possíveis consequências.

## O CONCURSO DOS AUSTRALIANOS

Em 13 de Abril, o quartel general do Cairo comunicava a queda de Bardia. No dia seguinte, do lado alemão, anunciava-se a entrada das tropas do «eixo» em Sollum e no Forte Cappuzzo. Acrescentava o comunicado de Berlim que os ingleses se preparavam para abandonar Tobruk, por mar, e que nesse sentido estavam a ser feitos todos os preparativos. Os factos não confirmaram esta informação.

Tobruk era, desde o primeiro momento, o objectivo verdadeiro das tropas germano-italianas. Com a sua experiência e a sua audácia, Rommel reconheceu facilmente que enquanto essa cidade fortificada continuasse em poder do inimigo não lhe seria possível continuar a sua marcha vitoriosa em direcção à capital do Egipto e ao canal de Suez. Por isso, desde o desembarque do «Afrika Korps» em Tripoli, os ataques da aviação alemã àquela cidade se haviam multiplicado, empenhando-se na realização desses ataques importantes formações aéreas que assim eram desviadas de outras tarefas.

No dia 12 de Abril, os carros blindados alemães investiram, pela primeira vez, a cidade de Tobruk, procurando penetrar nas suas defesas exteriores. Os ataques de «tanks» renovaram-se nos dias seguintes e deram origem a enérgicos contra-ataques britânicos, durante os quais os alemães perderam um elevado número de carros e deixaram numerosos prisioneiros. Em cinco dias o número destes prisioneiros elevou-se a mais de mil e quinhentos, na sua maioria italianos.

A defesa da cidade, confiada quasi exclusivamente a tropas australianas, ia-se firmando. A medida que a resistência se prolongava o moral dos combatentes firmava-se e a sua confiança aumentava. O comando das tropas australianas que colaboravam, no norte de Africa e no Próximo Oriente no esforço de guerra imperial, fora confiada a um oficial que já se distinguira durante a conflagração de 1914-18, o general Blamey. A guarnição australiana encarregada da defesa de Tobruk era comandada pelo general Moorshead. O seu

esforço era decisivamente apoiado pela acção da esquadra do Mediterrâneo do comando do almirante Cunningham.

## A RESISTÊNCIA DE TOBRUK

Os italianos haviam perdido, entretanto, durante um «raid» aéreo dos ingleses a Tripoli, um dos seus melhores chefes para a guerra no deserto, o general Miele. Nos primeiros dias de Maio, Rommel, decidiu-se a realizar um ataque em forma contra Tobruk na esperança de levar de vencida a guarnição australiana. Esta era reabastecida, sem grande dificuldade, por mar. Era ainda a esquadra britânica que se utilizava para o transporte de novos contingentes ou de material e para a evacuação de prisioneiros, cujo número aumentava incessantemente.

No dia 1 de Maio, o ataque das forças blindadas italo-alemãs intensificou-se. Os defensores da cidade desencadearam contra-ataques com êxito e a luta atingiu no dia seguinte o seu ponto culminante. Quando os alemães se preparavam para, junto da cidade, fazer novas concentrações de tropas frescas, os australianos atacaram de surpresa, inutilizando os preparativos do inimigo. Em 5, os atacantes tinham perdido cerca de três mil prisioneiros e os seus ataques, dado o número elevado de baixas registadas, cessaram.

A cidade de Tobruk ficaria, porém, cercada, até que as condições atmosféricas e a chegada de reforços, em homens e material, para os dois adversários permitissem renovar a luta, iniciando-se a segunda campanha da Líbia. Durante esse largo período de meses a guarnição da cidade sitiada manteve-se firme, apesar das dificuldades com que tinha de lutar, e vigilante, apesar da possibilidade de novas surtidas do inimigo. A partir de 5 de Maio, era evidente que o ataque contra o Egipto se não produziria. A frente africana, embora os episódios militares de importância secundária se prolongassem ainda durante algumas semanas, até aos meados de Junho, perderia a sua importância, só voltando a readquiri-la quando o tempo permitisse novas operações. A defesa de Tobruk ficaria com um dos episódios salientes do actual conflito, pelas suas características e pelas suas consequências. A guarnição da cidade só pudera manter-se graças à colaboração que lhe tinha sido dada do lado do mar. E verificava-se que uma cidade tornada inexpugnável por quaisquer razões militares bastava para fazer molar uma ofensiva vitoriosa.

## AS EXPLICAÇÕES DE CHURCHILL

No dia 7 de Maio, suscitou-se na Câmara dos Comuns um debate sobre os acontecimentos de Africa. O Primeiro Ministro fez uma extensa declaração para explicar o insucesso das operações britânicas nas últimas semanas e forneceu, para isso, as seguintes explicações:

«Os alemães, como sabemos agora em seguida aos interrogatórios dos seus prisioneiros a que procedemos, ao iniciarem a contra-offensiva contra as tropas imperiais, não esperavam ir além de Agedabia. O seu objectivo consistia em entreter no continente africano as forças blindadas que ali possuíamos, impedindo que elas fossem enviadas para a Grécia. Ao mesmo tempo aspiravam a trazer reforços e material da Itália e da Sicília, organizando eficazmente as suas linhas de abastecimentos e de comunicações. Quando, porém, verificaram que o efeito da surpresa que procuravam alcançar com o seu primeiro contra-ataque tinha redundado num êxito total, decidiram explorar esse êxito até às últimas consequências. Por isso avançaram até se encontrarem em frente de Tobruk. Al encontraram um verdadeiro obstáculo à sua marcha. Ainda prosseguiram até à fronteira do Egipto. Mas a nossa segurança nessa fronteira assenta num sistema eficaz de comunicações, a estrada, o caminho de ferro, o mar. Por agora detivemos o seu avanço.»

Ainda agora não é fácil afirmar, com segurança, em que medida as suposições do sr. Churchill correspondiam às realidades. Não queriam efectivamente os alemães ir além de Agedabia? O seu propósito consistia apenas em evitar o envio de novos reforços britânicos para o continente europeu? A ser assim é difícil compreender o cuidado que puseram na criação e no adestramento do corpo de soldados especializados para a guerra de Africa. E mais difícil ainda compreender que a exploração de um êxito inicial, mesmo entrando em linha de



General Rommel

conta com a fraqueza transitória do adversário, pudesse levá-los, sem a preparação metódica dum sistema de comunicações eficaz, desde Agheila, no golfo de Sirte, até Sollum, na fronteira do Egipto.

## A LUTA NO MAR

Durante o final do mês de Maio e as primeiras semanas do mês de Junho, pode dizer-se que a luta em terra não ofereceu quaisquer aspectos dignos de registo. Como as potências do «eixo» fizeram um esforço apreciável para reabastecer as suas tropas afim de que estas ficassem em condições de agir enquanto o tempo não tornava possível o prosseguimento das operações, os combates no mar intensificaram-se. Nessa fase da campanha, a esquadra do almirante Cunningham, sobrecarregada com o peso da batalha nas águas de Creta e da Grécia, desempenhou-se, apesar de tudo, com brilhantismo da missão que lhe estava confiada.

Em 22 de Maio, os submarinos britânicos afundavam um transporte italiano carregado de tropas e um contratorpedeiro da mesma nacionalidade. Cinco dias depois era um outro transporte, que levava cerca de três mil soldados, que tinha o mesmo destino. Em Londres começou a falar-se, com certa insistência, na utilização das águas territoriais francesas nas costas da Argélia e da Tunísia para o transporte de tropas e de material de guerra que se destinavam a reforçar a posição africana das potências do «eixo». Estas suspeitas nunca chegaram a ter uma confirmação absoluta.

Nos primeiros dias de Junho, a aviação britânica bombardeou um comboio, escoltado por contratorpedeiros, que se dirigia a Tripoli e afundou alguns dos navios. Em 14 daquele mês, novo ataque dos submarinos britânicos a um comboio germano-italiano, sendo o ataque coroado de êxito. Em 23 e 26, ataques violentos da esquadra a navios mercantes que transportavam tropas e material. Em 25, o cruzador de dez mil toneladas «Gorizia» era afundado pela acção dos submarinos ingleses. Antes do fim do mês, dois outros cargueiros que se dirigiam aos portos da Líbia foram igualmente afundados.

O dia 3 de Julho marca o termo da primeira campanha da Líbia que, tendo começado por uma vitória espectacular dos ingleses, acabou pelo regresso das forças do general Wavell ao seu ponto de partida. A Grã-Bretanha não conseguiu expulsar as potências do «eixo» do norte de Africa; os germano-italianos não conseguiram alcançar o Suez nem expulsar os ingleses do Egipto. Sendo este o principal objectivo a realizar pelos países que haviam tomado a iniciativa da ofensiva, o saldo da batalha jogava a favor da Grã-Bretanha que via, assim, assegurada a sua rota imperial.

(Continua)

A propósito de "Les Virginales" de Charles Oulmont

# HISTORIA E VIDA DUM ROMANCE

por Carlos Otavo

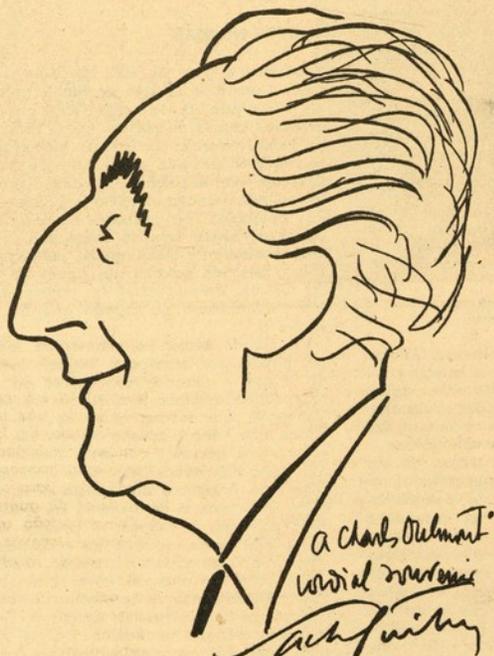


A alguns anos, cerca de dois meses antes desta guerra, deparei na primeira página do «Figaro» com o programa dum concurso baseado num romance do escritor francês Charles Oulmont, «Les Virginales», que pouco antes tinha sido publicado.

Estranhei as condições do concurso, da iniciativa do governo dinamarquês, com um júri presidido pelo cônsul geral da Dinamarca em Paris, e um questionário constituído por três quesitos dum sabor singularmente regional sôbre que deveriam incidir as respostas dos concorrentes.

Tratei de adquirir o livro, li-o e compreendi o alcance do concurso, o interesse suscitado pela leitura do romance e a natureza especial das perguntas do questionário que, tanto quanto me ajuda a memória, eram as seguintes:

- 1.ª — Depois de ter lido este livro porque deseja conhecer a Dinamarca?
- 2.ª — Que faria se estivesse no lugar de Ellen, Gerda e Bodil?
- 3.ª — Depois da leitura do livro que diferença encontra entre o carácter duma mulher nórdica e o doutra qualquer mulher?



CHARLES OULMONT  
(Caricatura feita por Sacha Guitry em 1939)

Lembro-me também, porque esperei com curiosidade a conclusão do concurso, que o prémio, que consistia numa viagem à Dinamarca, nas melhores condições de comodidade, de prazer e de estudo, foi alcançado por uma obscura professora dos arredores de Rouen, cujas respostas aos quesitos formulados tinham revelado um espirito particularmente subtil de observação psicológica e uma compreensão, quasi divinatória, conseguida através dos meandros sentimentais dos personagens do romance, do carácter da mulher dinamarquesa.

É este livro que vejo agora traduzido e lançado no mercado com o título de «Mulheres sem homem» e que Charles Oulmont teve a amabilidade de me enviar com a expressão da sua amizade.

Li-o outra vez e se não posso dizer que o deleite foi o mesmo que experimentei quando li as «Virginales» na forma superiormente delicada da sua linguagem originária, posso afirmar que o fundo do livro me penetrou com a mesma força, a calma atmosfera dos seus quadros me penetrou com o mesmo encanto e a estranha emoção que irradia do movimento e acção das suas figuras me penetrou com a mesma ansiedade.

«Mulheres sem homem» é um livro curioso, principalmente pelos  
(Continua na pág. 15)



ASPECTO NOCTURNO DO EDIFÍCIO central da Universidade do Pôrto — onde está instalada a Faculdade de Ciências — durante a realização do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.



A SESSÃO SOLENE inaugural do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, recentemente reunido no Pôrto.



O ADIDO DA IMPRENSA ITALIANO com um grupo de jornalistas portugueses e italianos reunidos no Instituto de Cultura Italiana para comemorar o primeiro aniversário da actividade em Lisboa da «Rádio Roma».

# A batalha do Pacífico

## Do Mar do Coral às Ilhas de Midway

### Uma crônica naval de Maurício de Oliveira

**A** poderosa frota americana mediu-se, pela primeira vez, no mar largo com a notável frota japonesa, na famosa batalha naval do Mar de Coral, que começou a travar-se, sem que ninguém o suspeitasse, na manhã de 3 de Maio último, pois só alguns dias depois apareceu o primeiro comunicado oficial (de procedência americana) a aludir ao acontecimento.

Releita do desastre de Pearl Harbour, de que não foram culpados os marinheiros, mas alguns dos seus chefes mais responsáveis, a quem Roosevelt entregara (afinal por engano) comandos que que nunca deveriam ter recebido, a esquadra dos Estados Unidos fêz-se ao mar, corajosamente, para enfrentar um inimigo que sabia poderoso, e, profissionalmente, bem preparado para a luta.

Couraçados e porta-aviões que alguns comunicados tinham dado como perdidos, sulcavam o Pacífico em formações imponentes aguardando o momento de afirmarem ao mundo que a frota naval dos Estados Unidos não tinha desaparecido, que queria e sabia bater-se.

E a hora de alcançar esse objectivo chegou a 3 de Maio. Não venho tentar descrever uma batalha da qual não se conhecem pormenores. Não venho, tampouco, ensaiar um pequeno estudo acerca do valor desta ou daquela unidade perdida, perante comunicados contraditórios que não permitem, pelo menos por enquanto, reconstituir a refrega e identificar os mortos...

Pretendo apenas procurar algumas conclusões lógicas que o resultado geral das duas batalhas pode fornecer.

Quanto à do Mar de Coral, os objectivos da frota nipónica poderiam ser, pelo menos, três a saber:

- 1.º—Proteger novos desembarques nas ilhas de Salomão;
- 2.º—Sondar o estado de re-

constituição da frota americana, seis meses depois do desastre de Pearl Harbour;

3.º—Defrontar o grosso da Armada dos Estados Unidos para uma batalha de destruição, de carácter decisivo para a marcha das operações.

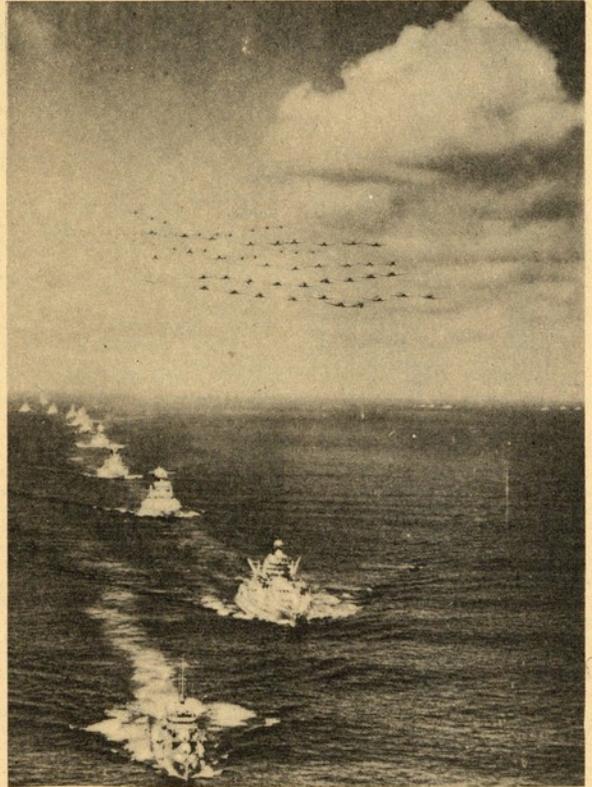
Fosse qual fosse o objectivo, não pode negar-se que os japoneses ficaram suficientemente eludidos: verificaram que a frota norte-americana estava no mar em plena força. Pode pretender-se que os resultados práticos da batalha foram indecisos. Talvez, pelo menos, para nós, que estamos tão longe do teatro das operações. Eles não foram, evidentemente, decisivos. Se assim tivesse acontecido, não era possível, quasi um mês depois, travar-se nova batalha, tão violenta como a primeira: a das águas de Midway.

Deve concluir-se, portanto, que a supremacia japonesa no Pacífico já não é aquela realidade que foi a partir de 7 de Dezembro do ano passado. A frota americana tomou o seu lugar. Podem as duas armadas equivaler-se? Talvez. A japonesa, porém, deixou de ser senhora do grande mar.

Da batalha indecisa do Mar de Coral passemos à batalha, concreta, das águas de Midway. Neste novo aspecto da luta no Pacífico encontramos apenas um objectivo em vista, ao localizar a frota nipónica naquelas paragens: ocupar as ilhas de Midway, no caminho das Hawaii...

A frota nipónica envolvida na batalha não deixa dúvidas a esse respeito. Tinha de tudo—couraçados, porta-aviões, forças ligeiras e um luzido cortejo de transportes de tropas.

Aqui podemos concluir que havia um plano definido: tomar conta, mediante uma acção de grande envergadura, de uma posição-chave dos Estados Unidos no Pacífico, abrindo caminho para novos e mais largos vôos. Uma frota com aquela constituição não se aproximava das Midway para um simples reconhecimento... Essa hipótese não pode ser encarrada.



A frota americana do Pacífico faz-se ao mar com a sua protecção aérea

A barreira que se lhe deparou tinha a mesma explicação daquilo que, para os japoneses, fora talvez uma surpresa, no Mar de Coral: a reconstituição do poder naval americano.

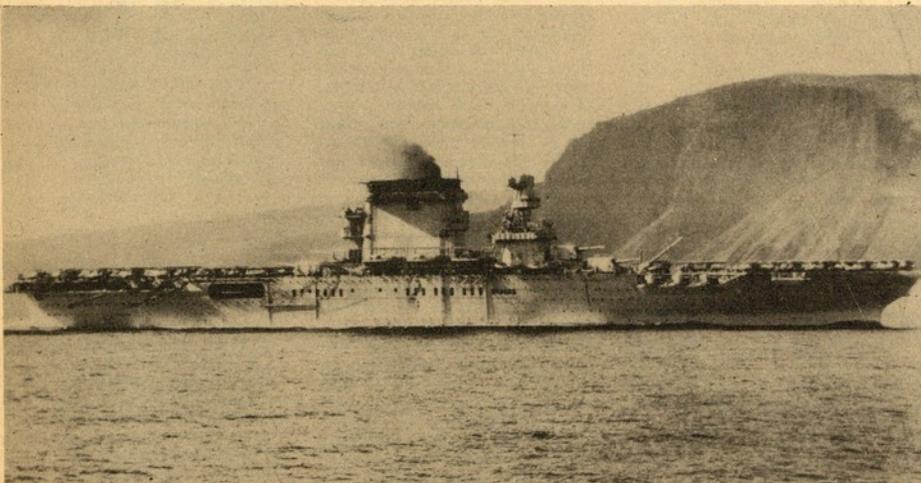
A batalha de Midway foi dura e prolongada, o que só depõe a favor da tese de que há hoje no Pacífico duas grandes armadas que se defrontam e não apenas uma que faz aquilo que muito bem lhe apetece, como aconteceu

durante algum tempo.

Foram grandes as perdas, de parte a parte? Sem dúvida. As grandes batalhas ferem-se sempre com grandes perdas, mas só pode haver grandes batalhas, quando houver grandes contendores. Os meses, durante os quais havia apenas uma frota que varria o Pacífico de lés-a-lés, esses passaram. Tais são as conclusões essenciais que os dois recontros nos fornecem com aquela exuberância substancial que não comporta evasivas ou desvios de raciocínio. Os japoneses deram um dos seus porta-aviões como afundado e outro como gravemente danificado, ao passo que os americanos pretendem que, pelo menos, três navios daquele tipo, foram a pique. Seja como for, a eloquência do comunicado japonês, fornece já uma ideia, acerca da natureza da batalha.

Washington, por seu turno, dá-nos a perda do seu famoso porta-aviões «Lexington», por motivo de uma explosão interna, já depois de terminada a luta e de extinto o incêndio que se declarou a bordo, ao passo que os nipónicos pretendem que foram dois os porta-aviões americanos afundados.

Para o aspecto sob o qual encaramos estes episódios, não interessa descer a pormenores sobre a perda de unidades ligeiras, pois para as operações que Tóquio pretendia levar a cabo eram



O porta-aviões americano «Lexington» afundado depois da batalha nas águas de Midway

(Continua na pág. 16)

# Panorama Internacional

# Silhueta de Alexandria

por Francisco Velloso

**T**ANTO para o bloco das Nações do Eixo como para o das Nações Unidas, chegados somos a um ponto culminante. Todos os acontecimentos a que vamos referir-nos, ali-  
guns previstos e outros confirmados, o confirmam.

Espiando por toda a confusão dos horizontes políticos, os sentidos em que os acontecimentos se movem, à procura de uma dominante em cuja linha seja possível divisar, mesmo longínqua e instavelmente, o futuro desta crise tão decisiva para o destino da Civilização social e económica do mundo, — já não é possível deixar de marcar com pedra branca as repercussões do tratado de aliança anglo-russo e do acôrdo, seu afim, celebrado entre Moscovo e Washington.

Mas o que impressiona mais, não são os enlances da obra diplomática realizada. São as projecções dela, é aquilo que a caracteriza. Sem dúvida os estados-maiores apalavram-

-se e estabelecem planos; e a este respeito, o reconhecimento da urgente tarefa de criar uma «nova frente» é primordial feito dessas conferências. Mas o importante nas conferências de Londres e Washington é que ali se encarou sobretudo (e todas as informações seguras o confirmaram depois) a ordem internacional futura, sem abstrair da parte social e económica que nela se contém necessariamente. Quasi a seguir à eclosão deste conflito, um filósofo profundo que honra simultaneamente a França e a Igreja, o genial Maritain, perguntava se estávamos então às portas de uma guerra de conflagração política em disputa de hegemonias, ou de uma revolução económica e social de rectificação comandando a crise sangrenta que ia abalar os vigamentos das relações internacionais. Após essa pergunta realizou-se na América do Norte, com delegações nutridas de todos os países, a Conferência Internacional do Trabalho. Veio para a primeira fila dos debates (o plano Funk abordou-a sob o ponto de vista alemão, mas não lhe fugiu) a questão que o filósofo francês formulára. E parece-me que a resposta já lhe acaba de ser dada: — na guerra elabora-se uma revolução política, económica e social. O mundo muda de bases.

## O VAL-VEM DA LÍBIA



RITCHIE

Quem abrisse os jornais ingleses aí por volta de 10 a 15 deste mês de junho depararia sem esforço com previsões distribuídas sobre hipóteses comentadas acerca da campanha da Líbia desencadeada pela

ofensiva de Rommel nos fins de Maio, e não estaria agora surpreso ante o que, no afan de só receber notícias de vitórias sobre vitórias, supõe por malventura ser uma derrota irreparável das armas britânicas, confiadas ao talento de um general de bons nervos como é Ritchie. Exemplifica-se o dito com a reprodução do gráfico publicado no *Daily Express* de 13 de junho. E basta olhar para ele, e receber-se-á a sete dias de distância, a impressão clara do movimento e dos objectivos maiores do grande general da guerra motorizada que o estado-maior alemão destacou para a guerra no deserto norte-africano.

A par desse gráfico, inseria o mesmo periódico dois curtos mas, lúcidos resumos da situação nesse campo de operações, um de Moolley Richards, outro de Alan Moorhead. No deste último, enumerava-se em quinto, sexto e sétimo, lugares o seguinte, referido ao desenvolvimento dos projectos de Rommel: — «Quinto, um ataque em grande escala a To-

bruk, provavelmente de leste; — Sexto, tomando Tobruk por base suplente, tentar reocupar as posições de Sollum, Bardia, Forte Capuzo e de Halfaya; — Sétimo, tomar um repouso de cerca de um mês até perto do outono e desencadear depois a ofensiva sobre o vale do Nilo».

Depois da retirada de Bir Hakheim, pelos bravos franceses-livres do general Koenig, a qual encurta a barragem de posições fortificadas e campos de minas que detinha Rommel, este lançou-se sobre GAZALA e Acroma. Neste último ataque, caíram os «tanks» ingleses numa cilada, e as tropas sul-africanas de GAZALA teriam sido cercadas, se Ritchie não lhes ordenasse a retirada, brilhantemente feita sobre El Adem e Acroma, logo seguida pela das forças que ainda mantinham a retaguarda em Knightbridge e que vieram juntar-se àquelas. Deste modo, o general inglês — em manifesta situação de inferioridade quanto a carros, diz o *Times* que, rendendo justiça ao valor das tropas, de novo apeia para a produção anglo-britânica — furtou inegavelmente ao adversário a batalha e provável vitória que ele esperava. Desarticulado, porém, todo o dispositivo em que Ritchie aguardara e fizera malograr nas duas primeiras fases da batalha o impulso de Rommel, em Bir-Hakheim, Knightbridge e GAZALA, a retirada em ordem estratégica impunha-se. Em três dias, o 8.º exército destaca 30 a 35 mil homens para a praça de Tobruk. Fica para traz como foco de absorção retardadora a guarnição de Acroma. Pela linha de Sidi-Rezeg todo o grosso intacto do Exército de Ritchie, vem alinhar e reorganizou-se nas antigas frentes de novembro. Tobruk começa de novo a estar praticamente cercada quando a artilharia alemã bate a estrada que liga Tobruk a Bardia. Ritchie no dia 19 estava a postos. A superioridade da R. A. F., protegera todo este movimento e caía sobre as comunicações e efectivos de Rommel cujos flancos pelo sul eram insistentemente perturbados pelas colunas móveis inglesas. A batalha da Líbia entrara numa nova fase. O correspondente da Reuter comentava acertadamente que «o sucesso nas campanhas do deserto depende, em primeiro lugar, de forçar ao combate e destroçar as forças blindadas inimigas» e que «o general Ritchie não está disposto a permitir que qualquer diversão distraia a sua atenção deste ponto capital».

Conferido tudo isto nos comunicados alemães, verifica-se que Rommel não entouu vitória, pela simples razão de que tem ainda diante de si o inimigo, encostado às próprias bases de abastecimento, ao termo de vinte e tantos dias de combates desgastantes. Descontada a inferioridade dos ingleses em meios, no mo-

mento em que Rommel entrava em equação com os seus, é evidente que Ritchie recusando o encontro final, fez o que devia. Não é licito, pois, falar em derrotas, mas em revés, na evolução ainda em marcha de uma batalha a que com propriedade se chamou fluida, decorrente num campo de batalha de vastíssimas extensões, cuja configuração geográfica não oferece relevos adaptáveis a manobras que em outros se admitem.

Resta somente saber agora o que vai fazer Rommel — e eis porque começamos por citar o gráfico exemplificativo do *Daily Express*. Ele mostra claramente como a batalha prossegue, e que a questão do Mediterrâneo se mantém nos mesmos termos em que se apresentava no início da ofensiva.

Os dois combates aero-navais em torno de combóios que se dirigiam, um de Gibraltar e outro para Alexandria também o comprovam. O primeiro foi desastroso para os ingleses. Do segundo saíram estes felizes, sofrendo pesadas perdas em grandes unidades a esquadra italiana de escolta e o combóio chegou a Tobruk e a Alexandria.

Assim estancaram todas as perspectivas de um ataque alemão a Suez e ao Próximo Oriente, que se haviam desenvolvido quando se falava nas ofensivas da primavera e do verão. A primeira não apareceu. A segunda é uma incógnita. Com razão os alemães limitaram os objectivos do seu ataque na Líbia.

## A ENTRADA DO VERÃO



HITLER

Assim conglobadas as últimas fases das operações na Líbia, importa ver no que têm resultado as da frente Leste. A 29 de Abril, o informador oficial do governo alemão, respondia em Berlim a um jornalista neutral que o interrogava sobre a eventualidade da anunciada ofensiva a leste, corôa do génio militar incubo de Adolfo Hitler desde que assumira o Supremo Comando e senhorio dos exércitos poderosíssimos do Reich:

«É possível que a ofensiva se efectue noutro ponto. Existem variadas possibilidades ofensivas». E acrescentava: «É preciso não esquecer, contudo, que Hitler no seu discurso falou ainda expressamente de ofensiva a leste e insistiu especialmente em que a decisão final se dará na frente oriental. Quanto às concentrações alemãs e ataques dos aliados a leste, Berlim faz notar que essas operações apresentam apenas carácter local, ao passo que a ofensiva terá carácter geral».

Assistimos depois ao assalto à península de Kerch, visando ao

## MORREM OS DENTES ADOECEM AS GENGIVAS nas bocas sem

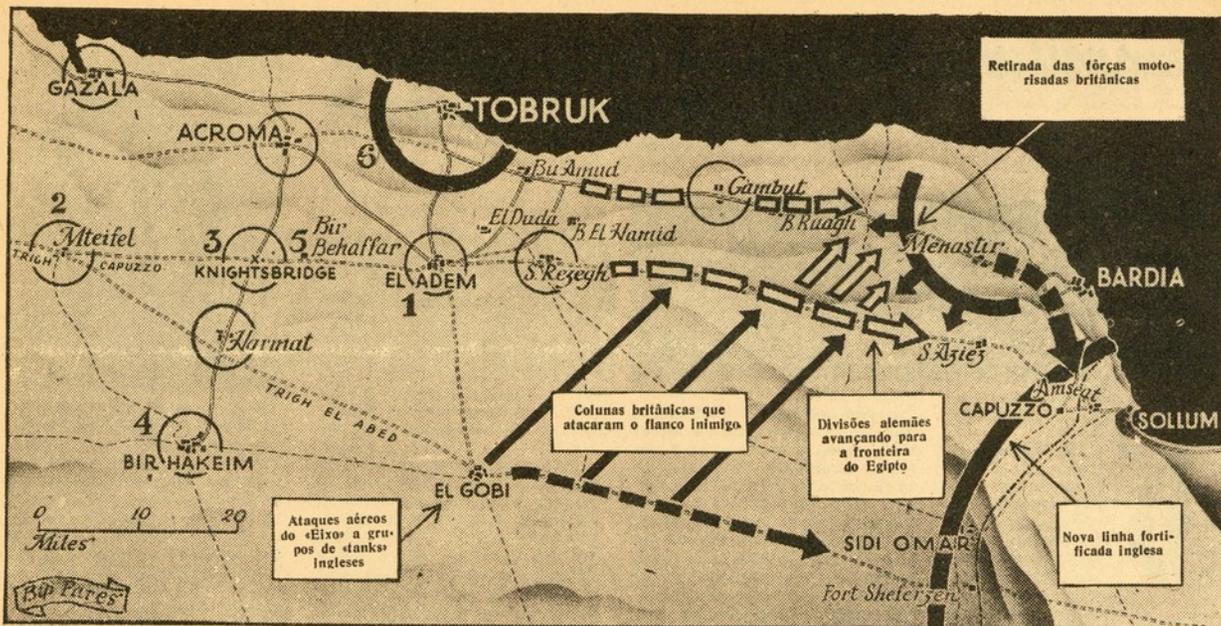


## PARGIL

(Produto medicinal)

**PARGIL**, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

**PARGIL** não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. **NAS FARMACIAS E DROGARIAS**



Mapa da Líbia reproduzido do «Daily Telegraph», evidenciando as últimas operações e o avanço dos exércitos de Rommel.

Cáucaso. Timochenko desempolou-o impondo ao adversário a primeira batalha de Karkov, a qual, como vimos, mais não deu, na contra-ofensiva final de von Bock, do que uma moxa na linha mais avançada da frente, sobre Krasnograd. *Quod erat demonstrandum*, concluiria o grande marechal russo.

Nos princípios do corrente mês, os alemães voltavam à carga, von Bock atacava de novo a linha de Karkov, e Manstein assaltava Sebastopol. A 9, uma actividade geral teclava na frente russa, com concentrações no sector de Kalinine, anunciando-se a suspensão de transportes ferroviários no Reich, excepto para géneros de consumo e necessidades militares, como consequência duma mobilização intensiva. Mas um desembarque de alemães na pequena península de Taman em frente de Kertch, era logo recebido como acto de sondagem. Bem depressa, tudo isto, porém, perpassou sem vulto. A agência francesa, a 12, restringia o objectivo de von Bock; em Karkov a um caso de rectificação de frente, e de facto, o alarde que a seguir se fez, de um desdobramento da batalha até Tangarov no sul da Ucrânia Oriental, desaparecia como hipótese. O general Zukov liquidava ataques inimigos para libertarem os alemães cercados em Rjev, e em Briansk um rápido frenesi de ofensiva local resfriava. As perspectivas a 15 restringiam-se a um ataque germânico a Volchansk ao norte da cidade de Karkov, desenhando, em complemento do que se lançara ainda sobre Barenkova e Iziun, um arco de envolvimento destinado a ultrapassar o Donetz, mas o rio não foi transposto. Os russos tentavam nesse momento desembarques na costa norte do mar de Azov, em Iarta e Mariopol, como a ameaçarem de través as forças alemãs na região de Tangarov, e a responderem à notícia, anteriormente designada, de uma ampliação da ofensiva de von Bock para o sul, em que os correspondentes de Estocolmo no entanto insistiam a 16. No entanto as reacções de Timochenko não cessavam, e o feld-marechal continuava a lançar gente à fornalha. A 20 ainda os objectivos locais deste não haviam sido sequer abordados. Olhando, depois de tudo isto, para o recorte da frente, desde Leningrado até Tangarov, não se

topavam nêle oscilações que marcassem nome de ofensiva por parte dos alemães. E a primavera de 1942 findou...

O «VALE DA MORTE»



ROOSEVELT

Cáucaso. Ali, de facto, não se poupam a esforços colossais os alemães, sobretudo entre o dia 6 e o dia 12 de Junho. Raro é o comunicado russo que não fala de uma situação tensa, mas a bravura dos defensores e da população, metida nos túneis a fabricar munições, já nessa altura se multiplicava, e a 14 telegramas de Berlim citavam as fortificações de Sebastopol como muito mais fortes do que as da Linha Maginot — o que constitui confissão compensadora para os oficiais superiores do exército francês que inútilmente quiseram utilizá-la logo ao começo da guerra como base de um avanço quando a Alemanha invadiu a Polónia. A 15 (é conveniente ir seguindo isto quasi como as curvas de um boletim de médicos), o comunicado alemão mencionava somente «combates de pequena importância», mas não escondia que, apesar do assédio, os russos recebiam reforços com o apoio da esquadra do Mar Negro. Era, porém, curta tomada de fôlego. Manstein de novo atravava material e tropas de sector para sector, enquanto a Luftwaffe cobria, com domínio quasi pleno, todo o campo de batalha. O correspondente de Berlim para o jornal sueco «Stockholm Tidnigen» asseverava que os alemães consideravam difícil fazer capitular rapidamente a praça, à qual o «Hamburger Fremdenblatt» chamava a mais forte do mundo.

Não podem todavia ser levados tais dizeres à conta senão da verdade, e da prudência de fazer ver ao povo alemão a explicação de uma real hecatombe neste assalto, em que se põe à prova o valor do alto-comando alemão na guerra de

assédio. Com efeito, redobra a tenacidade de Manstein. O investimento faz-se agora ao cabo de dias e dias de sangueiras, ao longo da costa norte, desde Belbek, segundo rezam os gráficos. É o verão na Crimeia. Os alemães, entre 18 e 19, dizem ter atingido «a Baía de Severnaya», frente ao pórtio. Das alturas dos fortes russos de Severnaya (este mais interior à baía) e de Inkermann cai uma chuva de granadas sobre os «tanks» de assalto, dizem os relatos da Suécia. Manstein mete a direito, ao longo da costa, sob as bocarras dos grandes canhões inimigos. O comunicado alemão clama: «chegamos a três milhas do pórtio». De Moscovo, a 19, replicam: «é falso». É um dia terrível. Entre a fortaleza de Severnaya, a de Inkermann e o mar aboleia-se um vale profundo. Da histórica altura de Steel Hill da segunda destas fortalezas, célebre na outra guerra da Crimeia de 1854 a 1855, vêm ondas de fogo. A infantaria alemã entra ao assalto. É um inferno. O vale fica com um nome na história militar. Uma trucidação em massa. É o Vale da Morte. A designação terrificante atravessa como um raio as narrativas dos correspondentes alemães e ingleses. Os fossos em torno da fortaleza de Inkermann estão cheios

de montões de carne e de ferro, dizem de Iztambul. Manstein deve ter ordem de acabar com aquilo. Mas o comunicado alemão de 20 traz uma modificação com referência ao de 19: — já não diz que o assalto atingiu a baía de Severnaya, mas que há restos do inimigo «ao norte da mesma baía». Nesse dia Sebastopol sofria o mais violento bombardeamento de toda esta campanha. Uma ponta alemã infiltrava-se até à aldeia de Bartenevka, mas o forte de Severnaya impedia-a de ultrapassar. O marechal francês Pellissier, há oitenta e oito anos, foi mais feliz no assalto de Malakoff. Nos ecos pavorosos desta batalha, sobre os despojos que jumcam o Vale da Morte, anda uma pergunta: — o dispêndio do assalto, em relação à prometida ofensiva alemã, é compensador? Ao canto dum comentário, aparecem estas palavras: «Pior que em Verdun». E essa comentário não é russo nem inglês. O marechal Pétain decerto leu-o e recordou-se.

REVISÃO URGENTE



CHURCHILL

Quando estes acontecimentos se produziam no Norte de África e na Rússia, ecoava na imprensa mundial a informação de que Churchill havia chegado aos Estados Unidos para, pela terceira vez, conferenciar com Roosevelt. A pouca distância de tempo da assinatura do tratado anglo-russo e do acordo russo-americano, a notícia deste encontro suscitaria a ideia de que se trate apenas de uma execução técnica desses pactos, se os primeiros pormentores, mais ou menos conjecturados, das questões que vão ser estudadas, em hermetico segredo, pelos dois estadistas e pelos seus cooperadores militares e civis, não induzissem a crer nos motivos instantes da inesperada reunião.

Ouçamos a «Reuters», por voz autorizada do seu critico diplomático: «Surgiram quatro questões importantes a resolver. Uma delas é a da criação duma segunda frente, a segunda é a questão de tonelagem de navios de transporte, a terceira é a da campanha do Próximo e



A frente de Sebastopol em 20 de Junho

# Reminiscências da vida de um repórter

## POR PINTO QUARTIM

### AS MINHAS RELAÇÕES COM O CHEFE DA DIVISÃO NAVAL DURANTE A OUTRA GUERRA

AZ hoje 19 anos que morreu Leote do Régo.

Os leitores, que roçam pelos 50, recordam-se, não é verdade? Na véspera, passeava nos Passos Perdidos, durante a sessão da Câmara dos Deputados, quando foi acometido por uma violenta crise cardíaca, e, no dia seguinte, 25 de Junho de 1923, malogradas todas as esperanças que havia de o salvar, desvanecia-se-lhe a vida, acolá, no Hospital francês de S. Luiz.

«Desejo funeral religioso, não quero discursos à beira da campa e não quero honras militares». Assim deixou determinado por escrito, e a sua vontade foi respeitada, o que não obsteu a que o cortejo, que o levou a repousar num tranqüilo recanto do cemitério dos Prazeres, não fôsse uma grande manifestação nacional, oficial e popular, do alto apêço em que era tido o que fôra Comodoro da Divisão Naval Portuguesa durante a Grande Guerra.

Não pretendo fazer a biografia ou enaltecer a sua figura como oficial de Marinha, nem falar da sua intervenção em vários acontecimentos políticos, como o 14 de Maio e o 5 de Dezembro. Não venho, tão pouco, recordar a actividade da sua propaganda a favor da participação de Portugal na Guerra, nem salientar os serviços prestados pela Divisão Naval na montagem e direcção de patrulhas, barragens e rocega de minas, que garantiram a navegação nas costas de Portugal durante o estado de Guerra. Evocando hoje o seu falecimento, lembro apenas, e com uma saudade em que há bastante de má-gica e muito de afecto, as minhas relações de jornalista com o illustre marinheiro que me dispensou sempre a mais franca e amistosa

cordealidade.

Eu fui certamente o jornalista que bateu o «record» de entrevistas com o brioso oficial de Marinha que papel de tão grande evidência desempenhou no nosso país durante os anos da primeira Guerra Mundial. Como repórter de «O Século», mantive durante os anos de 1916 a 1918 um convívio bastante íntimo, quer em sua residência, na Rua de S. Marçal, recheada de recordações de viagem — que, ao exilar-se em 1918, foram recubadas e inutilizadas quando do assalto à sua casa — quer na sua câmara de comandante do cruzador «Vasco da Gama» — o navio chefe da Divisão Naval — onde a sua figura alta e aparentemente vigorosa de marinheiro, a sua atitude de velho lóbo do mar, mais se engrandecia, enquadrada naquêlo ambiente que constituía, por assim dizer, o seu «habitat» próprio.

Mas a lhaneza e a urbanidade eram as mesmas, quer nos recebesse, franco e acolhedor, no escritório de sua casa, quer nos surtisse, sorridente, de mão estendida e lealmente aberta, à porta baixa da sua câmara de bordo, soberbo na sua farda guarnecida de insígnias e dos galões da sua elevada graduação. Sempre o mesmo aprumo, fardado ou à paisana, mas também sempre a mesma fidalga cortezia, o mesmo sorriso a abrir-se por entre o bigode e a barba, cuidadosamente tratados.

A sua câmara no «Vasco da Gama» era-me familiar. Na airosa varanda da pópa, debruçados sobre as águas paradas do Tejo, ouvia-lhe, confidencialmente, o que não poderia ser dito no jornal, e dali assisti, fora da barra, a várias manobras da nossa esquadra. Passeando a passos largos e fumando em gestos decididos, ia-me dizendo, calma e reflectidamente, mas sem hesitações nem reticências, o que pelo seu cérebro passava, e eu escutava-o com

prazer porque havia na sua palavra sinceridade e convicção.

A confiança em mim depositada, não obstante a diferença de idades e o abismo que em política nos separava, dispensava-o da exigência de ver as provas de tipografia. E nunca houve motivos para rectificações; nem por involuntário e natural engano do entrevistador, nem por retractação do entrevistado — que o Lector não era homem para se arrependar do que, uma vez, houvesse dito!

Findas as entrevistas, acompanhava-me ao portaló e ali se demorava até afastar-se o escalor de bordo que me reconduzia à ponte do Arsenal, para me fazer, com um aceno de mão, a última despedida. E publicada a entrevista, não faltava com um cartão a felicitar-me, com lisonjeiras palavras, pela fidelidade com que havia reproduzido a nossa conversa.

Além da consideração que demonstrava pela imprensa — e isso sensibiliza sempre o jornalista que ama a sua profissão — havia em



Último retrato do comandante Jaime Manuel Leote do Régo (1921)

Leote do Régo uma qualidade que eu muito apreciava: era o seu grande amor profissional, a persistência com que defendia os interesses e o prestígio da Marinha de Guerra, a dedicação que tinha por tudo quanto a esta dizia respeito; desde os simples marinheiros aos seus navios.

Não me esqueço, a propósito, da sua consternação quando do encalhe do «República», ao sul de Peniche. Não seria maior se o tivesse surpreendido a inopinada notícia da morte de pessoa de família, a mais querida!

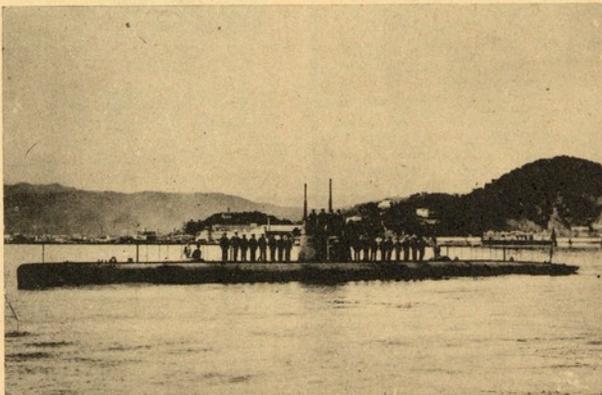
### COMO EU VIENCALHADO O CRUZADOR «REPÚBLICA»

O cruzador «República» vinha de Lagos com destino ao Pôrto, numa viagem de experiência de caldeiras que acabavam de receber importantes consertos, quando, devido ao nevoeiro fechado e densíssimo que envolvia aquela manhã de sexta-feira, 6 de Agosto de 1915, e ao ser abrigado a aproximar-se demasiado da costa para desviar-se de uma armação de pesca, encalhou no fundo baixo e penhascoso do chamado Lago do Coito, entre os lugares de S. Bernardino e Senhora da Consolação. Para o local do sinistro me dirigi em automóvel, como enviado de «O Século», acompanhado do habilíssimo repórter-fotográfico Jesua Benoliel, meu companheiro em tantas reportagens! Lembro-me de que tivemos de andar uma boa légua a pé, em terreno arenoso, para atingirmos a costa que ali é toda em penedias cortadas a pique, que tivemos de descer pelos penhascos em prodígios de equilíbrio e de, a custo também, termos sido transportados numa chata para bordo do cruzador que estava sobre um leito de pedras, todo tombado para bordo, a quilha e a hélice fora de água. Assisti à tarefa do atijamento da carga do navio para o tornar mais leve, levada a efeito, pela oficialidade, pessoal de bordo e adventício de terra, por entre vagas que rebentavam sobre o barco, uma das quais, surpreendendo o Benoliel, na pópa, pronto a disparar a objectiva, o molhou totalmente. E seguiu as tentativas de salvamento dos vários rebocadores que ali acorreram com material de salvação, mas que o mar impedia de acostarem ao navio. Restava a esperança do desencalhe no preamar, mas tão fortemente estava a quilha encravada nas rochas, que não houve ma-

neira de o safar, não obstante todos os esforços empregados e as providências tomadas pelo incansável comandante da Divisão Naval, que no local também compareceu a bordo do seu navio «Vasco da Gama» — desse barco vendido já como sucata mas cujo



Capitão de mar e guerra Leote do Régo, em Dezembro de 1918, a bordo do «Woodnut», que o conduziu a Gibraltar, a caminho do exílio.



O submarino «Foca» navegando fora de Cascais

nome ficará na história da participação de Portugal na Guerra. Desarmado, e aproveitado o que no seu bojo era susceptível de aproveitamento, o «República» para ali ficou abandonado, naquele canto escuro e recôndito do litoral, tendo-se o mar encarregado de dar-lhe cabo do costado. Quanto ao seu comandante, o

então capitão-tenente João Fiel Stokler — que naquêlê dia encontrêi amachucado e abatido pelo desgosto e a responsabilidade — julgado e absolvido, mais tarde, em Conselho de Guerra, veio a morrer dez anos depois, em Maio de 1925, no pósto de capitão de fragata.

## COMO VI A MORTE NO FUNDO DO MAR

Estas lembranças do «Vasco da Gama» e do «República», já desaparecidos, trazem-me à memória, neste instante, o desaparecimento de mais duas unidades da marinha de guerra: os submersíveis «Foca» e «Espadarte». Bem certo é serem as recordações como as cerejas. Perdem-se umas às outras. Ao «Foca» está ligado um dos meus quartos de hora da minha carreira de repórter.

Foi há vinte e três anos que isto aconteceu. A assistir a manobras do «Espadarte», embarcaram no «Foca», além do ministro da Marinha, cujo nome não me recordo agora, e do seu ajudante o tenente Agatão Lança, os drs. Leonardo Coimbra e Ramada Curto, ministros, respectivamente, da Instrução e das Finanças. Com o meu illustre camarada de «A Vitória»,

que no jornalismo deixou gloriosa fama, Hermano Neves, que se fazia acompanhar de seu filho, um sossegado pequeno de 7 anos de idade — hoje o dr. Mário Neves, Bacharel em Direito e também distinto jornalista — igualmente assistí, como redactor de «O Século», de bordo do «Foca», à submersão, em Cascais, do «Espadarte» e ao lançamento de um torpede contra um alvo figurado por um escalor. Findo o exercício, e após um almôço, quis o comandante, o tenente Adalberto Serrão Machado — falecido no pósto immediato, em Maio de 1923 — que experimentássemos a sensação de uma descida ao fundo do mar.

Desmontada a T. S. F., arreado o mastro e abandonada a coberta, sobre as nossas costas fecharam-se as escotilhas. No ventre do

«Foca» recebi, então, olhando pelo periscópio, a impressão estragante do meu próprio afundamento. Devo dizer que isto e o ruído das águas sobre as nossas cabeças quando o barco começa a submergir-se, é o que mais impressionam a bordo dum submarino. Uma vez mergulhado o periscópio e coberto o submersível por uma grossa massa de água, nada há de interessante: o silêncio é completo, a densidade do grande volume de água não deixa ver nada para fora, e, apesar de navegarmos, a impressão é de completa imobilidade.

Sentia já gorada a minha expectativa de uma emoção singular, quando, de súbito, fomos sobressaltados por um forte ruído, ao mesmo tempo que uma pronunciada inclinação do barco para a proa nos obrigou a embatermos uns nos outros. Com a respiração suspida, lancei, rápido, um olhar de espanto para todos, e em todos os rostos li a mesma impressão e o mesmo pensamento. Teria chegado o último momento da nossa vida? O susto foi de respeito, confesso, mas, felizmente, não durou mais que um instante, pois, a uma ordem do comandante, o submersível foi, de um jacto, qual rôlha de cortiça, impellido para a superfície das águas, e, abertas imediatamente as escotilhas, pudemos sentir aquela indescritível sensação de alívio que tão bem sabe depois de uma enorme aflição. Tivemos então a explicação do que acontecera: o «Foca» havia

batido com a proa num rochedo, no fundo do mar.

Dêste incidente guardo, como lembrança, um postal com a fotografia do «Foca», em cujo reverso o comandante A. Serrão Machado escreveu, acima da sua assinatura, estas linhas, que ocultam, na sua singeleza, uma das aventuras dos meus tempos saudosos de repórter: 13-5-1913 — Navegando até 17 m. de profundidade, fora de Cascais.»

## Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

## VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GÓSTO AGRADABILÍSSIMO.

EFEITOS IMEDIATOS.

A venda em todas as Farmácias  
Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:



**CRUZADOR VASCO DA GAMA**

*Meu caro amigo,  
Muito interessante a sua entrevista. Nem o garoto e o cachimbo negro do homem escaparam. Isso quer dizer que esse olhinho verde, além de ver tudo, é olho de artista. Agradecimentos sinceros da  
Marinha e meus.  
Amigo grato — J. Leite do Rêgo»*

*Luís de Rêgo*

*Luís de Rêgo*

Reprodução dum bilhete de Leite do Rêgo para o autor do artigo — «Meu caro amigo: Muito interessante a sua entrevista. Nem o garoto e o cachimbo negro do homem escaparam. Isso quer dizer que esse olhinho verde, além de ver tudo, é olho de artista. Agradecimentos sinceros da Marinha e meus. Amigo grato — J. Leite do Rêgo».

## Os dois grandes êxitos literários da actualidade

Duas magníficas edições de VIDA MUNDIAL

### DIZE TU, DIREI EU

por LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES  
67 entrevistas com as figuras mais destacadas da vida portuguesa, ilustradas por 35 caricaturistas. 320 páginas ... 15\$00



### HOLLYWOOD EM LISBOA

por FERNANDO FRAGOSO  
As grandes vedetas do cinema entrevistadas e retratadas tais como são na vida real longe do ambiente dos estúdios, fora da mentira da publicidade... 10\$00



VIDA MUNDIAL EDITORA  
Distribuidores: AGÊNCIA INTERNACIONAL  
Rua de S. Nicolau, 119 — LISBOA

# Panorama Internacional

por Francisco Veloso

Extremo Oriente, e a quarta a dos abastecimentos americanos à Grã-Bretanha, Rússia e China. *Tenho razões para acreditar que a visita de Churchill é extremamente oportuna.*

E, desenvolvendo, acrescenta: «Uma das principais consequências da estada de Molotov em Washington e em Londres foi a declaração do «pleno entendimento» sobre a urgente necessidade de ser criada uma segunda frente na Europa ainda este ano. Os problemas que provoca a perda de navios mercantes dos aliados, e que foram novamente discutidos na Câmara dos Comuns hoje, serão encarados como constituindo uma das grandes dificuldades da estratégia naval anglo-americana. Churchill e Roosevelt trocarão impressões sobre os acontecimentos do Próximo Oriente e as possíveis consequências da ofensiva de Rommel na Líbia e da ameaça alemã contra o Cáucaso. Terá também uma parte importante nas conversações a situação militar na China e no Pacífico. Os dois estadistas considerarão a melhor forma de distribuir e transportar as máquinas de guerra e outros materiais que as fábricas americanas estão a produzir vertiginosamente e num caudal enorme».

Quasi desnecessário se torna explicar o fundamento destas questões a quem, como os leitores, tem bem presente de memória os sucessos políticos-militares da guerra; mas não é menos certa a obrigação do cronista o referenciar actualisadamente aos que, num conspecto geral, mais directamente se lhes reportam.

Seguindo a ordem das menções do comentador da grande agência britânica, encontramos primeiro a necessidade da segunda frente dos Aliados. Os jornais ingleses e americanos tiram do assunto os seus

melhores títulos publicitários e sensacionais. É mesmo esse, de preferência, o escolhido por eles para a notícia da reunião de Washington.

«O facto de Churchill se fazer acompanhar pelos generais Sigs, Brook e major-general Ismev, dá a entender que as operações terrestres serão um dos principais assuntos das discussões. Oficiais do Estado Maior de ambas as nações, de altas patentes, estão em sessão constante em Washington e serão, sem dúvida, consultados. Os oficiais do Estado Maior britânico que se encontram em Washington são o marechal de campo Dill, que acompanhou Churchill na sua segunda viagem à América; o almirante sir Charles Little, membro do grupo dos Estados Maiores Combinados e comandante-chefe de Portsmouth; e o vice-marechal do Ar Evill, chefe da delegação da R. A. F.

Essa segunda e nova frente será possível? Os alemães acreditam nessa possibilidade. Na Noruega toam as faixas do litoral. Em França e na Bélgica — ultimamente entre Dieppe e Bolonha, e nas regiões litorâneas da pátria do grande rei Alberto — ordenam a evacuação das populações, ao mesmo tempo que criam unidades de anti-comandos, voltam para ocidente a frente adaptável da Linha Maginot e levantam fortificações em diferentes pontos escalados da linha estratégica do Reno, segundo notícia de correspondentes suíços em Berlim, comunicadas de Berne a 19. Na Inglaterra e nos Estados Unidos há quem duvide da possibilidade do intento e insista em que o melhor de tudo é uma paz branca que, aliás, toda a imprensa oficial do Reich terminantemente recusa, e com razão porque ela serviria a todos menos ao nazismo cuja sobrevivência, não como ideia mas como regime, depende exclusivamente da vitória total e integral.

A batalha da Líbia prejudicaria esse plano se Rommel conquistasse o Egípto e cortasse Suez, abalando o Próximo Oriente (quiza por assalto dirigido das ilhas gregas do Mar Egeu sobre Chipre e a Síria, hipótese não posta de parte), mas, por isso mesmo, e em conjugação com o estado-maior da Rússia, só a nova frente pode causar sério problema à Alemanha. Mesmo que a leste, Hitler não consiga o que deseja — e ele já previu nova campanha de inverno — remeter-se-ia a uma defensiva no continente, atribuindo aos aliados a responsabilidade do prosseguimento da guerra, e desafiando-os a que venham desalojá-los do seu bastião europeu.

## NO EXTREMO DA PONTA



Prêsa a esta cadeia de possibilidades relativas, depara-se, porém, o segundo problema versado na Conferência de Washington: — o da marinha mercante, ou dos navios empregados nas comunicações da América com os portos das Nações Unidas nos outros teatros de



OS SRS. MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL e presidente da Câmara Municipal do Porto no acto inaugural da Casa de Junqueiro. Na foto, vêem-se a viúva e a filha do grande poeta.

guerra. No dia 19, informava-se de Londres «que a situação, embora surjam momentos de crise, não é muito grave porque a América está a entregar aos aliados navios que substituem aqueles que se perdem».

Este passo reforça o que a tal respeito acaba de ler-se, diante da ofensiva submarina de Raeder que foi oficialmente transposta para águas americanas do Atlântico. Novos combóios acabam de chegar a Murmansk com material para a Rússia, e à Irlanda do Norte (a do Sul continua a ser um calcanhar da política britânica, furtando-lhe os melhores portos de recepção naquele mar, por inconcebível concepção de De Valera que é ali o mesmo ou quasi que Gandhi é na Índia). Mas é esse o cordão umbilical da resistência do Império e, de futuro, o da possibilidade de guardar as retaguardas de um corpo ofensivo inglês lançado para criar a Hitler uma nova frente.

Do mesmo modo, veja-se o que significam os apelos da China, por aviação e «tanks», quando os nipões conseguem, conforme narram de Xun-King, cortar os nós das vias férreas da China, nas regiões do Sul.

A esquadra americana do almirante King domou o poderio naval e aero-naval japonês no Mar do Coral e na órbita de Midway. É uma notável vitória em qualquer parte do mundo.

Mas um novo problema surge atrás do assalto nipão a Dutch Harbour no Alaska e da descida de tropas japonesas nalgumas ilhas do arquipélago das Ilhas Aleutas. Na verdade, aludindo a esses triunfos navais americanos, glosava-se assim de Washington no dia 16: «Estes sucessos americanos permitem prever que as forças dos Estados Unidos, encarregadas de escorraçar os japoneses das ilhas Attu e Kiska, levarão a sua missão a bom termo. A importância estratégica daquelas ilhas é considerável; colocadas a meio caminho entre Dutch Harbour e Vladivostok, permitiriam aos japoneses ameaçar a ligação aérea entre o Alaska e a Sibéria. Os americanos podem, por sua vez, servir-se delas como escala para essa mesma ligação. A sua posse é, por consequência, tão importante para os nipónicos como para os americanos na eventualidade de hostilidades nipo-russas».

Ora, desde 8 de Maio, da capital chinesa (e sabe-se com que irradiação funciona a espionagem oriental) insiste-se em que o Japão se prepara para o ataque na Sibéria, sinérgico com o esforço alemão na frente leste, e levado a feito durante este mês de junho. No dia 1 do corrente, a Reuter averiguava em Washington que havia em meios oficiais informações de que uma terceira frente — oposta à preconizada pelos Aliados na Europa — poderia ser aberta na Sibéria pelo Japão, temeroso da ameaça de Vladivostok, da península de Kamschatka e das Ilhas Aleutas ocupadas pelos Aliados. A 16, de Xun-King teima-se em estar iminente o assalto japonês contra as forças russas do marechal Blücher na zona Siberiana. E o correspondente do Times em Washington, na altura em que o embaixador japonês em Moscovo, em viagem de Tóquio, regressava ao seu pósto, escrevia:

«Há aqui a opinião geral de que não demorará muito que o Japão ataque a Rússia pela Sibéria. Isto parte principalmente da convicção dos críticos militares, de que as operações na China foram proposadamente limitadas, com o fim de evitar compromissos que devido à sua magnitude pudessem dificultar a campanha nas províncias costeiras. Entretanto, os que conhecem bem o Japão estão convencidos de que a posição e a atitude de Sato, em Moscovo, é exactamente semelhante à de Kurusu, em Washington, antes de dezembro de 1941, e que o Japão aceita, apenas enquanto lhe convém».

Só há, pois, um meio de libertar a Rússia de uma dupla pressão que, sem embargo da poderosa autonomia do Corpo russo do extremo siberiano apoiado pelas esquadras dos Estados Unidos no Pacífico, (os ataques nipónicos sobre os portos australianos do norte devem ser puramente diversivos), desmonte o cálculo nipo-germânico de Tóquio: — levar à China o reforço capaz de ela desencadear uma ofensiva que transtorne o cálculo de Tojo.

E eis porque em derradeira análise se debate na Casa Branca o problema do Extremo Oriente no mesmo pé que o da Europa. O mundo é um campo total de batalha. Uma questão europeia repercute na Ásia, e vice-versa.

E eis porque neste momento há silvos de alêrta. 20-6-1942.

**Lustrafix**  
**PENTEIA**  
**MELHOR**  
**DURA**  
**MAIS**  
**NALLY**

# História e vida dum romance

(Continuação da pag. 8)

contrastes que oferece, contrastes que não ferem a linha harmoniosa do conjunto. Tem pureza e paixão, tem calma e revolta, é inocente e «exciting», é simples e dramático. Tão dramático que o célebre dramaturgo francês Charles Méré tirou d'ele uma peça de teatro que só não foi representada porque as complicações da guerra o impediram. O drama nesta obra não está nas situações violentas, mas resulta da arte com que o assunto é conduzido até à expressão patética, liberto dos episódios inúteis, concentrado no acontecimento fundamental.

Mas eu não pretendo criticar, prefiro descrever.

Num velho castelo da Dinamarca, perto de Randers, à sombra da floresta da Jutlândia, vive uma estranha comunidade de velhas donzelas que parecem esconder no isolamento e no silêncio de Rosenlund as decepções e as amarguras que a vida lhes deu.

Dentro daquele castelo cor de rosa, da cor dos sonhos da mocidade, o ambiente é calmo e rescende a lírios que tivessem murchado em jarras esquecidas. Cada uma daquelas mulheres tem com certeza o seu segredo, segredo talvez pungente, reminiscência amarga dum abandono, ou duma desilusão, ou duma esperança frustrada, ou dum amor incompreendido. Mas entre elas não há, nunca houve o murmúrio duma confidência, nem o esboço duma confissão. Cada uma guarda as recordações do passado como num cofre de jóias e, no entanto, todas se sentem ligadas pelo sentimento de defesa do seu mistério, pelo laço invisível e forte da virgindade.

O próprio castelo, hirtó e mudo nas suas linhas arquitectónicas do século XVII, tem um ar de mistério impenetrável que não atenuam as flores vigorosas do jardim que o rodeia.

A vida da comunidade é duma doçura de balada, duma ingenuidade virginal. As pobres donzelas passam as tardes ou na sádhina de Ellen ouvindo-a arrancar do piano as melancolias de Chopin, que elas confundiam com as suas, ou na sala da superiora, em volta da tábua redonda, dizendo rimances de amor como o «Poder da lira» em que um noivo, cantando numa lira de ouro, salva das águas do rio de Blide a noiva e suas três irmãs encantadas, e «Gundelil a altiva», que, tangendo a sua harpa, fascina e domina a tal ponto o rei da Dinamarca que a quer possuir, que este lhe dá Ribe e Ringsted, Seeland e a Scaânia sem levar, em troca, senão os sons harmoniosos do instrumento divino.

Assim vivem as virgens do castelo de Rosenlund. E no meio delas, apenas um homem, Christian, o serviçal fiel, o guardião da virtude do convento. Mas este é ainda mais severo, mais rigoroso, mais puro do que as próprias virgins, vigiando-as nos seus passos, perscrutando-lhes os pensamentos, supetando por vezes um devaneio. Um dia que Ellen, aos primeiros fulgores da flúida primavera escandinava, sentiu vontade de ir colher ao parque um molho de flores silvestres para florir com alegria as jarras do seu quarto, Christian procurou divisar um sentimento impuro neste gesto inocente e não lhe poupou as suas ironias! E outras abandonaram o recolhimento por não poderem suportar-lhe as suspeitas.

Christian costumava dizer: «A virtude conhece-se ao longe. Quasi pelo furo».

O criado humilde era ao mesmo tempo uma sentinela infatigável da cândida serenidade do castelo cor de rosa. Ninguém lhe conhecia o passado, nem a origem, nem a idade, nem se a fúscida dum desejo lhe tinha atravessado alguma vez os nervos, só se sabia que pela longa convivência com as doces recolhidas de Rosenlund, Christian se parecia com elas nos hábitos, nos modos, na maneira de andar, na expressão do olhar e até na voz de onde tinham desaparecido as ásperas sonoridades masculinas: um ser deformado pelo ambiente, privado de sexo, enregelado nas neves do crepúsculo virginal.

Ora, um dia, na paz quasi tumular desta casa entrou o ciúme. E o drama começa, drama sem palavras, sem recriminações, sem violências, mas que só vive e agita e punge a alma. É Gerda Thorsen, a viúva de Karl Thorsen, o célebre professor da Universidade de Copenhague, que entra na comunidade, porque por um favor real obteve um lugar em Rosenlund.

As velhas donzelas reagem à aproximação da «mulher». A mulher que vem dos braços dum homem, que conheceu os delírios do amor, que vem maculada pelo pecado, que irradia de todo o seu corpo o perfume estranho que perturba a virtude impassível das virgens que feneceram na castidade! E elas próprias o dizem: «A «mulher» é inimiga nata da virgem; mais do que o próprio homem que a virgem já não teme quando ultrapassa a idade de amar».

E naquela noite as velhas donzelas não dormem, assediadas por devaneios febris, inquietadas por fantasmas que jaziam adormecidos no fundo das suas recordações longínquas...

E mais que todas, Ellen sofre, torturada pelo ciúme, Gerda é a mulher que lhe roubou o homem amado na sua juventude quando, cursando letras na Universidade, tinha por professor o belo Karl Thorsen. Ellen amou-o em silêncio, iluminando o seu romance com a ilusão de que ele também a amava e com a esperança de que, mais dia menos dia, a viria buscar para os esplendores sonhados da cerimónia nupcial. Levada pelo sentimento que a absorvia, fazia-se encontrada com ele, engalanava a sua mesa de estudo com as primeiras margaridas que brotavam na primavera. E Karl casou com Gerda. Ellen não morreu, mas a fonte do amor extinguiu-se para todo o sempre no seu coração. Só lhe restava o exílio sentimental de Rosenlund para onde levou a flor murcha e sem aroma da sua ilusão duma hora.

Quando soube da chegada de Gerda, resolveu partir, mas as suas companheiras censuraram-na por essa deserção, lembrando-lhe o dever de cerrar fileiras diante da intrusa. O começo da resistência era o velho Christian. Mas o aparecimento de Gerda desarmou todas as más vontades, a sua beleza melancólica, a sua doce resignação, a sua simplicidade afectuosa cativou todos os corações. Menos o de Ellen, para quem começou uma vida de atitudes reservadas e, por vezes, clandestinas. Ellen, na ausência de Gerda, invadia-lhe o quarto, revolvía-lhe as gavetas, surpreendia-lhe os segredos, violava-lhe as cartas de amor,

## FALA-SE ESTA SEMANA DE...

### CASTRO SOROMENHO



Escritor e jornalista muito distinto que acaba de obter grande êxito literário com o seu romance «Homens sem caminho». É este o terceiro livro de Castro Soromenho tendo por tema a terra e as gentes África. Depois das páginas emocionantes de «Noite de Angústia», este escritor, de posse de uma segura técnica e de magníficos recursos, dá-nos em «Homens sem caminho» o drama angustioso da terra e das gentes de África. A maneira como Castro Soromenho tratou este assunto, rico de pormenores etnográficos, dá-lhe jús à consagração da crítica e dos seus leitores — que são já muito numerosos.

### REBELLO DA SILVA



Distinto jornalista, redactor do «Diário de Notícias» e director do semanário «Os Reticulos», contra quem foi posta acção nos tribunais pelo realizador cinematográfico António Lopes Ribeiro baseada na crítica publicada por aquele jornal humorístico ao filme «Pátio das Cantigas», da produção A. L. R. O caso, que tanto interesse despertou nos meios jornalístico e cinematográfico, teve agora o seu primeiro desfecho. O juiz do 6.º juízo criminal, depois de ouvida a parte acusadora e a defesa, não recebeu a acusação baseada nos artigos 242.º do Código Penal e 37.º da Lei de Imprensa. António Lopes Ribeiro interpôs recurso para o Tribunal da Relação de Lisboa.

Vida  
**MUNDIAL**  
Ilustrada

#### CONDIÇÕES DE ASSINATURA.

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00;  
6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. África: 12 meses (48 números) — 60\$00.  
Estrang. c./convenção — 12 meses (48 núm.) — 65\$00.  
Estrang. s./convenção — 12 meses (48 núm.) — 80\$00.

roubou-lhe mesmo um retrato de Karl Thorsen. E só se lhe acalmou o ciúme quando Gerda lhe disse que não tinha sido feliz com o marido e quando soube que Karl tinha deixado um filho, produto dos seus amores com Bodil, sua secretária.

E Bodil vem ao castelo com o pequenino Karl e o drama atinge uma acuidade angustiosa que parece afectar a linha hierárquica do velho castelo habituado a uma orgulhosa serenidade de séculos. Ellen e Gerda são solidárias no seu amor contra a amante. Ellen porque se sentia frustrada na ideia que tinha da pureza do seu amor, Gerda porque se sentia diminuída nos seus direitos de mulher.

Mas Bodil proclama a ambas a verdade. Karl Thorsen deixou-lhe uma carta para ser lida depois da sua morte em que revela que nem o pequenino Karl é seu filho, nem Bodil foi jamais sua amante. Gerda, levada pelo seu egoísmo e pelo seu ciúme nunca o compreendeu, nem o quis acreditar. Daí resultaram as nuvens que toldaram por vezes a sua felicidade conjugal. Mas agora a sua palavra tinha que ser acreditada porque vinha de além túmulo, onde se não pode mentir.

E tão subitamente como tinha começado, o drama desfez-se em lágrimas nos olhos de Gerda, em soluços na garganta de Ellen, em triste ressentimento no coração de Bodil.

E a paz voltou ao castelo de Rosenlund, uma paz semelhante à dos lagos que ficam no fundo dos vales abruptos da Escandinávia onde os ventos não podem aflorar a suavidade cristalina das suas águas.

Nesta rápida descrição está a súpula do belo romance de Charles Oulmont, que tanto me impressionou e que pela beleza da narrativa, pela originalidade da concepção, pela subtil composição das figuras, merece realmente figurar entre os melhores romances dos melhores romancistas.

Vida  
**MUNDIAL**  
Ilustrada



DOIS ASPECTOS DA VISITA DO MINISTRO INGLÊS EM PORTUGAL, John Bullow às fábricas de cortiça do Caramujo, pertencentes a firmas da colónia britânica. Nas fotos vêem-se, além daquele diplomata e dos industriais ingleses, o sr. Mervyn Herbert, assistente do adido de Imprensa inglesa.



O REPRESENTANTE DO SR. EMBAIXADOR de Inglaterra, com o sub-director do Instituto Britânico, os directores da S. N. de Música de Câmara e os intérpretes do concerto de música inglesa recentemente efectuado no Sindicato Nacional dos Músicos com o patrocínio do Instituto Britânico.



O BRIGADEIRO A. R. BARTER, novo adido militar à embaixada britânica em Lisboa. Oficial muito distinto, tem 42 anos e uma carreira brilhantíssima, com serviços prestados à Inglaterra durante a actual guerra. Alistou-se em 1920 no regimento de Artilharia Royd Field, servindo até 1926 no Iraque e no Egipto. Em 1928, passou para um regimento de artilharia montada. De 1931 a 1938, serviu na Índia, tendo também tomado parte na campanha de Waziristan, o que lhe mereceu citação especial pelos seus actos de valor. No ano seguinte, foi assistente do adido militar inglês em Roma, onde se conservou até que a Itália entrou em guerra. Era então major. Foi depois membro da missão militar à Grécia, como oficial observador da arma de artilharia. Já como tenente-coronel participou mais tarde nas operações que se desenvolveram na península grega, tendo, por esse motivo, sido citado em ordem de serviço. No ano passado, foi nomeado chefe de Secção Militar, tendo-lhe sido confiada uma missão na Síria e no Líbano. Em Novembro e Dezembro fez a campanha da Líbia comandando um regimento de artilharia, e foi ferido ao sul de Gazala. Chegou a Lisboa no dia 7 deste mês para assumir o seu novo alto cargo.

(Foto feita especialmente para «Vida Mundial Ilustrada»)

## A BATALHA DO PACÍFICO

(Continuação da página nove)

essencialmente os navios de linha e os porta-aviões que contavam.

Depois da batalha do Mar de Coral os japoneses já deviam ter como certa uma recepção violenta nas águas de Midway. Iam, portanto, preparados para todas as eventualidades, menos para uma, pelo visto: a de terem de retroceder e de desistir do seu arrojado intento.

E é aqui que pretendemos encontrar os ensinamentos da batalha de Midway, lógico seguimento da do Mar de Coral. Os golpes de surpresa dos japoneses, apoiados pela sua poderosa esquadra, sobre esta ou aquela ilha, sobre este ou aquele arquipélago, deixaram de ser possíveis. Não foi a boa estrela de Tóquio que se ofuscou; foi a estrela de Washington que, após breve eclipse, voltou a brilhar no céu constelado e maravilhoso do vasto oceano Pacífico.

Os objectivos estratégicos da armada nipónica quanto a Midway, não se alcançaram. A frota de invasão, mal ferida, teve de retroceder para o ponto de partida. Não interessa, nas suas linhas gerais, se as perdas americanas terão sido maiores ou menores do que as da frota de Tóquio. Interessam os resultados estratégicos obtidos.

Também na famosa batalha da Jutlândia, na outra guerra, as perdas britânicas foram quasi o dobro das alemãs, o que não impediu que a frota de Jellicoe continuasse senhora dos mares e que a de Von Scheer se engarratasse em Kiel até 11 de Novembro de 1918, para sair dali, poucos dias depois, para o suicídio de Scapa Flow.

A Jutlândia é bem uma prova de quanto valem os resultados estratégicos, ao lado das perdas registadas.

Não devemos esperar, porém, que Midway tenha sido uma Jutlândia para os marinheiros japoneses, como a outra foi para os alemães. A frota de Tóquio começa a ser desbastada, mas está longe de se encontrar suprimida. Os navios japoneses sulcam o Pacífico e os americanos têm de contar com eles em muitas emergências.

Uma realidade, porém, surge no meio de tantas outras, a desmentir os receios de uns e a contrariar os desejos de outros: a Armada norte-americana está no mar, em plena força. Não se eclipsou moral ou materialmente. Há que contar com ela, como uma das mais poderosas alavancas da máquina de guerra das Nações Unidas.

### UMA GOTA DE «HERPETOL»

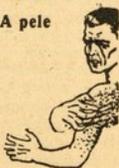
e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

### «HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



# Silva Bastos

príncipe dos poetas  
dos jogos florais da  
Emissora Nacional de 1940



José da Silva Bastos — ou apenas Silva Bastos como êle se assina — acaba de alcançar nos «Jogos Florais» da Emissora Nacional o título de «Príncipe dos Poetas» pelo seu poema «Cruzeira novo», obra de oportuna exaltação às relações entre Portugal e Brasil. No momento em que a côrte parnasiana festeja, entre coroas de rosas, a entrada dum novo príncipe, não poderíamos nós, deste recanto literário, deixar de erguer a nossa taça, saudando, não apenas o poeta que o Destino glorioso se permitiu, aliás com manifesta justiça, coroar de louros, mas a própria Poesia de que êle se converteu num convicto e sincero intérprete. A obra poética de Silva Bastos, pelo menos a obra que tenha transposto os limites da sua intimidade espiritual, não é vasta: um volume de poemas — «Cristais»; um volume de quadras — «Ora vai, vai»; duas peças de teatro — «Campo de Flores» e «Auto da Boticário», escritas de colaboração com Luiz de Oliveira Guimarães; poesias dispersas em jornais e revistas. Mas essa obra, não sendo vasta, reveste-se, em todo o caso, dum significado poética e dum esplendor verbal que, desde logo, criaram ao seu autor um lugar absolutamente marcante. Silva Bastos fêz 31 anos; está, por consequência, em plena mocidade; e é, em plena mocidade, que a Consagração o vai buscar para desfolhar sôbre a sua cabeça loira de cantor de estrélas uma revoadada de flores. A Emissora Nacional, ao criar os seus «Jogos Florais» quis, acima de tudo, que êste certame se convertesse numa grande festa de primavera e, por consequência, de juventude. Silva Bastos, pela sua idade e pela frescura do seu estro, corresponde a essa juventude — e a essa primavera. «Príncipe dos Poetas», neste ano da graça de 1942, não nos admira, bem pelo contrário, que êle venha um dia a ser rei — não obstante as suas possíveis convicções republicanas. Augusto Gil dizia, uma vez, que havia uma realeza indestronável: a do espirito. Essa realeza é já, de certo modo, apatnágio do novo príncipe.

A «Vida Mundial Ilustrada», documentário nacional e internacional das figuras e dos factos que vão succedendo à sua volta, fixa hoje nas suas colunas êste nome — Silva Bastos; apresenta-o em pessoa que é, como se dissessemos em fotografia, aos seus leitores e, sobretudo, às suas leitoras; e publicando os versos «Cruzeiro Novo» (que a Emissora premiou), fá-lo com o entusiasmo de quem saúda no seu autor o poeta que se ergueu tão alto para alcançar do céu, com os olhos e com a alma, a terra dourada e luminosa do Brasil.

## CRUZEIRO NOVO

A Pátria era pequena. Um friso apenas  
Que o Mar bordava de arabescos: praias  
De rochas escaldadas e morenas.  
Mas a Pátria medita no mistério  
Que vislumbra das altas atalaias  
Nas estrélas do céu. E ei-la um Império  
Sol flutuante que vai de Ilha em Ilha  
Com legendas lusíadas sangrando  
No costado da nau de maravilha.

E não há Cabo que não dobre, Mar  
Que ela não sulque, impávida singrando  
Desde a Madeira à Costa Malabar.  
A Pátria abraça os Continentes. E eis  
Que na Praça de Goa se levanta  
O Arco Triunfal dos Viso-Reis.  
Pedras que falam do Apogeu: Alturas  
Que em mil oitavas um Poema canta  
Num verbo de divinas tessituras.

A Pátria é asa, hausto de infinito,  
Excalibur ungida do Senhor,  
Sentinela do Céu. João de Brito  
Acende os astros e um incêndio lavra  
Que o Mundo queima. Fogo abrasador  
Que se transforma em mística palavra.

**Luz do Evangelho**, Expansão da Fé:  
Via Sacra de rastros percorrida  
Nos caminhos de Urgur a Maduré.

Luz que já antes no Brasil queimara,  
Quando a primeira missa foi ouvida  
E uma hóstia subiu na pedra de ara.  
Luz que, depois, em sangue se transforma  
E é suma-essência: coração e raça;  
E entra na seiva tropical da forma.

Luz que é Brasil com Portugal nas veias:  
Fusão de Génios que o Destino enlaça  
Para cantar em novas Epopeias.  
E os Génios surgem. Os Heróis e os Santos,  
Uns pela Cruz e Outros pela Espada  
Entram na História. E são tantos, tantos,  
Quantas estrélas que não têm conta.  
Brasil e Portugal, em revoadas,  
São asas dum Império que desponta.  
Terras de Deus, por bem da Humanidade:  
Alicerces dum Mundo; Novo Mundo,  
Cristianíssimo Império da Saúde.

Santuários abertos, relicários  
Em carne viva — nesse Amor profundo  
Do grande coração dos Missionários.  
Relicários em Luz, de novo em Luz,  
Porque da ponta extrema do Porvir  
Se nos abrem os braços de Jesus...  
E eis que nós vamos para êle, em cântico,  
Seguindo a Luz, que é uma estréla a abrir  
Milhões de estrélas sôbre o Oceano Atlântico.

Mar percorrido novamente, agora  
Que de novo no Atlântico se traçam  
Caminhos certos. — Oração da Hora —  
Mar do Brasil e Portugal, unidos  
Nas ondas que se cruzam e se enlaçam  
Nos sulcos dos caminhos percorridos.  
Mar dos encantos: comunhão suprema,  
Passeio de Almas, mística braseira,  
Tapete de Algas, líquido Poema.

Mar firme, onde uma ponte soberana  
Liga os portos da Terra Brasileira  
Com as portas da Casa Lusitana.  
— Lar Manuelino, esculpturais varandas,  
Legendas esculpidas no Destino  
Sôbre Cruzes de Cristo em velas pandas —  
Mar sem fronteiras, Mar de mil milagres,  
MARAVILHOSO MAR, CALIX DIVINO  
DAS CRISTALINAS LÁGRIMAS DE SAGRES.

# CALCADA DA GLÓRIA

## SINFONIA DE ABERTURA

OS escritores e os editores são, com frequência, assediados com pedidos de exemplares para clubes e agremiações de recreio. Não podemos deixar de louvar o interesse manifestado por essas colectividades no sentido de organizar as suas bibliotecas, oferecendo aos seus sócios o estimável prazer da leitura, mas a verdade é que coisa alguma justifica que esses empreendimentos se façam à custa do concurso gracioso de volumes que representam para o autor e para o editor o seu modo de vida. Não falta mesmo quem entenda que o próprio Estado, no intuito de concorrer para a expansão e fomento da actividade editorial, devia adquirir, ao menos pelo preço do custo, os livros que exige para as suas bibliotecas. Se isto parece justo para o Estado, que dizer para os organismos particulares! De resto não nos parece excessivo que esses organismos reservem para a aquisição de livros um pouco das verbas que, tantas vezes, dispendem em festejos menos educativos e mais efêmeros.

## CONCEITOS

NUMA parede do parque Mayer apareceram, há dias, escritas a giz estas palavras: — Vá à fava! Logo alguém acrescentou por baixo: — Não vá: telefone!

## JUNQUEIRO E TEIXEIRA GOMES

O dr. Lopes de Oliveira conta este episódio passado em 1911. Recomendava-se a candidatura de Teixeira Gomes para a legação de Londres, Bernardino Machado, ao tempo ministro dos Estrangeiros, quis saber a opinião de Junqueiro. — Acho muito bem — respondeu o poeta. — O Gomes é um grande escritor... — Conhece-lo? — Como a mim mesmo! Junqueiro confidenciou mais tarde a Lopes de Oliveira (decerto exagerando) que de Teixeira Gomes a única coisa que tinha lido era uma carta a Brito Camacho....

## FILOSOFIA DO AMOR

DUMA poetisa (que se esconde sob o pseudónimo transatlântico de Maria do Mar) lêmos, há dias, esta quadra:

Como tu estás enganado!  
— Dicionário do Amor —  
Palavra: Conquistador.  
Sinónimo: De-pe-na-dol!...

## UM PINTOR DE RETRATOS

TABELA de preços dum velho pintor de retratos.  
Semelhança perfeita, quatrocentos mil réis.  
Meia semelhança, duzentos mil réis.  
Vago ar de família, cem mil réis.

## UM MÉDICO FRANCO



No consultório do dr. Evaristo Franco. Ele e uma cliente.

ELE

Então de que se queixa? Ande diga lá  
O que é que você sente?  
Vamos, não hesite...  
Tranquilize os seus nervos, sente-se no sofá.  
Saiba ser doente...  
De que se queixa então?

ELA

Tenho falta de apetite,  
Uma palpitação,  
As vezes falta de ar...

ELE

Sim! Coisa vulgar  
Doenças da infância  
Tôdas as ruparigas pela sua idade  
(A idade de amar)  
Têm essa enfermidade,  
Que não tem importância...

ELA

Doutor, que me receita?

ELE

Uma coisa caseira  
E verás, quasi lhe juro, que fica satisfeita...

ELA (irónica)

Alguma droga infecta?

ELE (receitando)

Oh! não... Flor de laranjeira.  
Case breve — e não faça dieta...

## ANÚNCIOS

SUCEDEM-SE os anúncios nestes termos: «Entregamos lata a quem nos fornecer estanho». Quer dizer: em Portugal «lata» não falta...

## CRIADAS

— PORQUE saiu da última casa onde esteve? — perguntava M.<sup>ma</sup> X à sua nova criada.  
Imediatamente a criada: — Eu já perguntei a V. Ex.<sup>a</sup> porque pôs fóra a sua última criada?...

## O COLECCIONADOR

UM dos nossos grandes poetas que era, ao mesmo tempo um excelente amador de antiguidades, entrou uma vez num «bric-à-brac» e pegou numa ânfora que lhe despertou atenção.  
— Essa ânfora tem dois mil anos... — elucidou o dono da loja.  
— Isso não será exagero — comentou o poeta — Estamos apenas em 1909...

## PROVÉRBIO TURCO

NA Turquia corre, há muito, este provérbio: «Só o cão pode fazer estas duas coisas ao mesmo tempo: comer — e dar à cauda...».

## HISTÓRIA DE SEMPRE

CRESO, Rei da Lydia, vestiu-se um dia ricamente, cobriu-se de ouro, subiu ao trono e perguntou a Solon, o sábio: — Já viste espectáculo mais formoso?  
Solon respondeu: — Vi, e muito maior: os galos, as araras e os pavões!

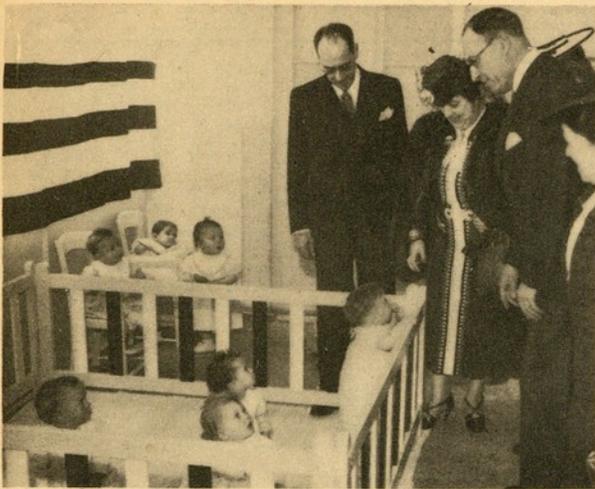
## A MAÇÃ TENTADORA

LA Fontaine gostava muito de maçãs. Na sua casa de jantar havia sempre desta fruta. Ora um dia começou a reparar que as maçãs iam faltando na fruteira. Quem seria o comilão? Ninguém de casa se acusava. Até que La Fontaine uma ocasião permitiu-se dizer: — Falta uma maçã na fruteira. Não é pela maçã... Mas é que eu ontem deitei veneno na fruta... — Ai que estou perdido! — exclamou, de repente, o criado, sem poder conter-se.  
Logo La Fontaine: — Sossega, rapaz. As maçãs não tinham veneno. Isto foi só para saber quem mas comia...

## CAMÕES DA SILVA BASTOS

ONosso amigo e colaborador Camões da Silva Bastos acaba de ser coroado, nos recentes Jogos Florais, Príncipe dos Poetas do ano de 1942.  
Cumprimentamo-lo épicamente.

Luis S'oliveira Martins



A ESPOSA DO CHEFE DO ESTADO visitou recentemente a Maternidade Bensaude. Na foto, vemos a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Carmona numa das dependências daquele estabelecimento hospitalar com os srs. drs. Meideiros de Almeida e Félix Machado.



OS ALUNOS da Sociedade Nacional de Belas Artes reunidos num almoço para homenagearem o seu mestre, o artista Alvaro Duarte de Almeida.



O SR. MÁRIO DE NORONHA pronunciando, na sede do Centro Nacional de Esgrima, a sua conferência subordinada ao título «Desporto e profissões desportivas».



UM ASPECTO DO BANQUETE com que recentemente foi homenageado o sr. dr. Vasconcelos Carvalho, do Grémio da Cqnarca de Arganil.

**A SUPREMA PELICULA**  
para grandes ampliações e finura de detalhes

O grão finissimo da pelicula Kodak Panatomic X permite ampliações a grandes formatos e cópias da melhor qualidade.

*A venda nas boas casas de artigos fotograficos*

**KODAK Panatomic-X**

**A VOZ DE LONDRES**  
**B.B.C.**  
*ele* e o mundo acredita

**EMISSIONES EM LINGUA PORTUGUESA**

Horas		Estações	Ondas curtas
12,45	Noticiário	GRU	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
		GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
14,15	Noticiário	GRZ	13,86 m. (21,64 mc/s)
		GRU	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
14,30	Actualidades	GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
		GSB	31,55 m. ( 9,51 mc/s)
23,00 (*)	Noticiário	GRX	30,96 m. ( 9,69 mc/s)
		GRT	41,96 m. ( 7,15 mc/s)
		GSB	31,55 m. ( 9,51 mc/s)
23,15 (*)	Actualidades	GRT	41,96 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Estas emissões ouvem-se também em ondas curtas de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s). Até 11 de Julho inclusivé o posto transmissor em 261,1 metros trabalha sómente às 23,15. Em 12 de Julho retoma a emissão às 23 horas.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

**VIDA MUNDIAL**

Um jornal que vale por muitos jornais

Vida **MUNDIAL** Ilustrada

JOSE CANDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa, DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Vida **MUNDIAL** Ilustrada



O GLORIOSO ALMIRANTE GAGO COUTINHO junto de alguns dos avia- dores e outras entidades que assistiram ao banquete comemorativo do 20.º aniversário da viagem aérea Lisboa—Rio de Janeiro



O SR. OCTÁVIO RODRIGUES DE CAMPOS proferindo na Sociedade Nacional de Belas Artes a sua conferência sobre António Sardinha. Na mesa de honra, vêm-se a sr.ª Dr.ª D. Adelaide Félix e os srs. Alfredo Cândido, Ressano Garcia, dr. Alfredo Pinto (Sacavem) e João M. Ferreira



O SR. DR. ALMEIDA EUSÉBIO discursando no acto da posse do novo bastonário da Ordem dos Advogados, sr. Dr. Acácio Furtado



UM ASPECTO DO GARDEN-PARTY recentemente efectuado na tapada da Ajuda.

# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 30

DEDICADO AOS ILLUSTRES  
CRUZADISTAS  
PENAFIDELENSES



**HORIZONTAIS:** 1 — Soldada; Natural; Decreto do Imperador da Rússia. 2 — Espécie de tatú; Medida de capacidade para líquidos, entre os romanos; Vocal. 3 — Afinal; Fa!ma; Eia; Lista; Nome de uma letra consoante. 4 — Ódio; Jarro (planta). 6 — Substância antisséptica do género da creolina; Irra. 7 — Movimento; Frade de pedra. 8 — Planta euforbiácea do Brasil; Atingias. 9 — Até; Conj. (designativa de alternativa). 10 — Aqui; Devaneei. 11 — Nome de várias plantas frutíferas; Junto a. 12 — Género de palmeiras; Espécie de tafetá grosso. 13 — Que-rido; Pedir. 14 — Artigo (pl.); Parte em que se amuram as velas do navio. 15 — Esquadrão; Género de palmeiras do Brasil. 16 — Alguem; Enrêdo. 17 — Pequena porção; Cor-

rompido. 18 — Rudimentos; Muar; Ditoso. 19 — Apologia; Tunda; Garra. 20 — Enfeites. 21 — Cadeira, em que se sentava o juiz da aldeia ao ar livre.

**VERTICAIS:** 1 — Cúmulo; La-meiro; Chefe. 2 — Bólo de farinha e azeite de côco, usado na Índia (pl.); Idiota; Canôa, de uma só peça de madeira, sem quilha e sem bójo; Em alto grau. 3 — Até; Mamífero carniceiro da América; Capital do Egito; Malícia. 4 — Campo em que se exerce determinada actividade; Lura; Côrça grande da América; Vigor (de plantas). 5 — Caução de uma letra de câmbio, consignada na mesma letra. 6 — O lado do vento. 7 — Letra grega; Coragem. 8 — Peixe, o mesmo que Ujo; Rapariga. 9 — A plebe; Relativo a uva. 10 — O mais; Nome de mulher. 11 — Figura. 12 — Qualquer pedra preciosa. 13 — Peugada; Princípio activo da semente da salsa; Bálsamo produzido por uma árvore da Colombia; Ren-que. 14 — Atmosfera; Moeda da Índia Portuguesa, equivalente a 450 réis; Filho de Dédalo; Tendão. 15 — Insecto do Brasil, espécie de abelha; Plano; Túnica; Fruto da noqueira. 16 — Preparação de óleo com substâncias medicamentosas; Pequena frecha de selvagens; Grande ajuntamento.

**Dicionários adoptados:** Cândido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos — Fonseca e Roquete; Do Povo; Sinónimos e Mitologia — de Bandeira; e Mitologia — de Chompré.



NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
23.40 Noticiário		m. 221.1	
		m. 263.2	
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

22.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830



# Guarda italiana

## Nas margens do Donetz

NAS MARGENS DO DONETZ, onde se têm ferido algumas das maiores batalhas desta guerra, os soldados italianos lutam lado a lado com os alemães, numa fraternidade de armas que perdura desde o começo da campanha a leste. A foto que reproduzimos, obtida na frente, por um «reporter» da guerra, dá-nos um impressionante aspecto duma alvorada nessa região. Um soldado italiano vigia a estepe encharcada.

Vida  
**MUNDIAL**  
Ilustrada



**Rei Jorge da Grécia**  
 Com uma guarda de honra  
 australiana

«OS GREGOS NÃO DEPORÃO as armas até à vitória final» — declarou recentemente o rei Jorge da Grécia, durante a sua viagem pela América. E acrescentou: «A Grécia manter-se-á lado a lado das outras nações livres, dominada por êsses ideais de liberdade que deram origem e engrandeceram o país».